Concurso Literário do IFRS

Conto

Crônica

Haikai

Poema

1ª edição

PROEN
Pró-reitoria de Ensino

INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

Concurso

LITERÁRIO

do IFRS

1ª edição

PROEN
Pró-reitoria de Ensino

INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

Expediente

Realização
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Rio Grande do Sul - IFRS

Elaboração
PROEN - Pró-reitoria de Ensino do IFRS

Edição
Departamento de Comunicação do IFRS

Projeto gráfico e Editoração
Oberti Ruschel

Revisão
Denise Mallmann Vallerius

Imagens e Ilustrações
Banco de imagens

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C744

Concurso literário do IFRS [recurso eletrônico] / organização Pró-reitoria de Ensino. - 1.ed. - Bento Gonçalves: IFRS, 2021.
1 arquivo em PDF 88 p.

ISBN 978-65-86734-98-0 (Livro eletrônico)

1. Literatura brasileira - Rio Grande do Sul. 2.Conto. 3. Crônicas. 4. Poesia. 5. Haicai. I. Concurso Literário do IFRS (1. : 2019 : Bento Gonçalves, RS)

CDU(online): 821.134.3(816.5)

Catalogação na publicação: Aline Terra Silveira CRB10/1933

PROEN
Pró-reitoria de Ensino

INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

Apresentação

O I Concurso Literário do IFRS foi uma iniciativa da Pró-reitoria de Ensino realizada entre os meses de outubro e novembro do ano de 2019. O evento teve como objetivos despertar talentos literários, bem como valorizar e divulgar a produção literária dos estudantes da instituição.

As produções inscritas deveriam ser inéditas, e os estudantes dos cursos de ensino médio e de graduação do IFRS concorreram em quatro categorias: Conto, Crônica, Haikai e Poema. Os textos premiados até o 3º lugar de cada categoria foram apresentados por seus autores no 7º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino do IFRS.

Para essa produção, a comissão julgadora, formada por servidores/as do IFRS, selecionou os dez textos mais bem avaliados, por categoria, escritos pelos nossos brilhantes estudantes!

Boa leitura!

Sumário

Conto

No sótão 9
Luís Henrique L. Pinheiro/Campus Restinga

Abre os olhos 14
Pâmela Pereira de Pinho/Campus Osório

Partiram o coração do meu irmão 18
Nicole Mezadri/Campus Bento Gonçalves

Uma manhã fria 22
Marcos da Silva Bagatini/Campus Osório

A esposa 25
Carine Manica/Campus Osório

Café de papel 29
Lukas Kenes Silva/Campus Canoas

A mulher da sacada 32
Gabriel de Castro Tereza/Campus Osório

Não é possível dormir 36
Sheila Roberta Schweig/Campus Osório

O Sol da Manhã 38
Eduarda Portella Gallina/Campus Farroupilha

Alforria 42
Taiane Maíra Kuntzler/Campus Ibirubá

Crônica

A porta (nem tão) emperrada do banheiro do ônibus 48
Aléxia Islabão dos Santos/Campus Bento Gonçalves

A facilidade não existe em nossos dicionários 51
Fernanda Matos de Oliveira /Campus Porto Alegre

O velório do carequinha 53
Marcos Junior dos Santos/Campus Osório

Quem diria que água de coco poderia ensinar a evoluir 55
Eduarda de Almeida Ulrich/Campus Canoas

Pastéis que eliminam rugas 57
Pamela Maria da Silva/Campus Farroupilha

Minha bolha torpe 59
Pedro Demarco Gomes/Campus Rio Grande

Monstro marinho 62
Mariana Cé R. da Conceição/Campus Canoas

Mais um dia 64
Natália Uriarte Fauro/Campus Sertão

Reflexo 66
Elen Matos Feliciano/Campus Osório

Sui 68
Jucenil L. M. Faria/Campus Bento Gonçalves

Haikai

Laura R. da Silva Viegas 71
Campus Canoas

Amanda Souza dos Santos 71
Campus Osório

Lucas Schlindwein 72
Campus Feliz

Adriano Kempf 72
Campus Feliz

Luiza Bedin Gajardo 73
Campus Caxias do Sul

Sara Marinho da Silva 73
Campus Alvorada

Fernanda Heinzmann Bohn 74
Campus Feliz

Thiago Wiliam Alves Kleemann 74
Campus Feliz

Gabriel Auler 75
Campus Feliz

Fernanda Matos de Oliveira 75
Campus Porto Alegre

Poema

Mergulho da morte 77
Natália Bernardo Nunes/Campus Osório

Brobdingnag e o pigmeu 79
Leonardo Eberhardt Rosa/Campus Osório

Roda rodando 81
Rodrigo Barcellos/Campus Porto Alegre

Doce e perdida menina 82
Natália Uriarte Fauro/Campus Sertão

Uma terra de órfãos 83
Fernanda Matos de Oliveira/Campus Porto Alegre

Preço de banana 84
Romero Assis de Oliveira/Campus Osório

De-dentro 85
Eric de Carli/Campus Bento Gonçalves

Passa 86
João Felipe Garcia da Costa/Campus Vacaria

Foi as correntes! 87
Axel Felix Varreira/Campus Canoas

Matemáticas 88
André Rafael Herzer/Campus Feliz

Conto

No sótão

Luís Henrique Leiria Pinheiro

"O pai tá lá no sótão."

Mas quando minha irmã perguntou o que ele estava fazendo, fiquei incapaz de lhe dizer qualquer coisa a mais, portanto repeti. "Mas fazendo o quê?", insistiu ela.

Eu também queria saber. Não para responder o que ele fazia de verdade, mas sim para tranquilizá-la, poder dizer sem mentir "Ele tá fazendo as coisas dele, mas não te preocupa. Ele tá bem".

Imaginei o escuro lá de cima. Nós dois nunca tínhamos estado alguma vez naquele cômodo, nunca houve motivos para isso. Porém, me lembro de uma vez ter perguntado aos meus pais o que guardávamos lá. Naquela época, eles ainda estavam juntos. Minha mãe, se a memória não me falha, estava confiante na resposta até que, parando para pensar, não soube o que responder. "Quinquilharias", disse meu pai. "Se é tu que cuida de lá, deve estar tudo desarrumado mesmo, nem sei quando foi a última vez que subi", rematou ela, e eles riram.

A curiosidade, conforme os anos se passaram, sumiu. Nunca ninguém mais tocou no assunto. Afinal, nunca ninguém precisou entrar lá para procurar alguma quinquilharia perdida. Mas meu pai estava no sótão neste momento e eu não sabia o que fazer para apartar a preocupação da minha irmã menor. E, mesmo não sendo mais a criança que eu era quando fiz a pergunta, também começava a ficar apreensivo.

Eram muitas horas por dia. Por vezes ele entrava quando chegava do trabalho, no fim da tarde, e só saía por volta da meia-noite, quando minha irmã dormia e eu fingia dormir após ter esquentado a comida congelada que ele tinha deixado em cima da mesa. Eu chegava a ouvir o som das dobradiças do alçapão, um som que remetia a um retorcimento agonizante. E parava por aí. O que ele fazia era um mistério. Só que, depois de tantos meses, eu comecei a me importar mais com o que ele não fazia. Depois de tantos meses, conseguia pensar apenas na minha irmã, no tempo em que ela ficava sem sua atenção. Sem pai.

Até que um dia decidi confrontá-lo, logo antes de ele sair para o trabalho.

“Pai, tá tudo bem?”
“Claro, por que não taria?”
“Não, é que, sabe, ela tá preocupada contigo.”
“Quem?... Ah, mas por quê?”
Hesitei um pouco para falar “Tu fica muito tempo lá em cima, quase não te vemos de tarde. Ela só queria saber se tá tudo certo contigo... e eu também.”

A expressão dele mudou drasticamente, o cenho franzido enquanto esbravejava:

“Então podem parar, vocês não têm nada que ver com isso. Onde já se viu os filhos cuidarem da vida dos pais? Droga, o mundo tá ao contrário mesmo e ninguém me avisou?!”, e saiu de casa batendo com força a porta, me deixando sozinho com o resto das palavras trancadas na garganta, que resolvi dizer mesmo assim, sussurrando para as paredes: “É por causa da mãe, não é?”.

A separação, segundo o que ele tinha me dito, foi para o melhor da nossa família, o que eu ainda não acreditava. Ainda estavam vívidos na minha memória aqueles gritos ecoando pelas paredes da cozinha. Quando os gritos tinham se tornado tão frequentes? Não consigo colocar um limite no tempo e dizer “A partir daí as pequenas discussões começaram” ou “Foi aqui que ouvi o primeiro prato quebrar no chão”. Era tudo nebuloso demais para dizer quando que as coisas começaram a dar errado. E, depois que começaram, só queríamos que passasse logo.

“Quando será que vai acabar?”, minha irmã perguntou pra mim, sob as cobertas, na noite da pior briga. Eu me lembro de não ter nada de risonho em sua aparência naquele momento, totalmente diferente de como costumava ser. As risadas dela rarearam à medida que os gritos começaram a ficar comuns. Até que finalmente sumiram para dar lugar a uma aparência dolorosamente austera.

Em seu aniversário, algumas semanas antes dos nossos pais se separarem, não fizemos uma festa. Minha mãe estava com vergonha de convidar suas amigas, temia que elas tivessem ouvido a gritaria da noite anterior, já que muitas delas eram também suas vizinhas. O aniversário foi entre nós. Me lembro que tudo estava indo bem até minha irmã perguntar pelo bolo. “O bolo já vai chegar, teu pai encomendou o melhor da confeita-

ria", falou minha mãe. Fiquei esperando ela completar "Não é, amor?", como até meses atrás fazia, o que não aconteceu.

"Bah, me esqueci de ligar ontem pra eles."

"Como assim?"

"Me esqueci, tá bem? Não posso me lembrar de tudo."

"Poxa, um só bolo que tu não consegue te lembrar pra tua filha."

"Ah, não vem me encher o saco. Eu passo o dia inteiro trabalhando pra ter que chegar em casa e ouvir desaforo, mas vai..."

"Então assim, tu é o único que trabalha nesta casa? E também deve ser muito difícil, né? Um bolo? Agora, se eu esqueço, já começa uma gritaria."

Depois disso, meu pai gritou "Já disse pra parar de encher o saco!", e minha mãe continuou "Não precisa elevar tua voz, todos os vizinhos já sabem o quanto tu sabe gritar! Tu acha que eles não nos ouvem todos os dias!?"

Eu tinha certeza de que eles ouviam, só pela expressão com que uma das senhoras vizinhas nos encarava quando eu e minha irmã saíamos para a escola. Ela demonstrava um pouco de embaraço, como se sentisse culpa por saber de alguma coisa, por saber o que acontecia em nossa casa. Suspeitava também que ela, assim como tantas outras antigas amigas de minha mãe, tinha alertado o filho para ficar longe de nós. Isso porque, na escola, as crianças da nossa rua, uma por uma, começaram a não falar mais com a gente.

Gradativamente, os outros fizeram o mesmo, nossas turmas nos ignorando quase por completo. Quando finalmente ninguém mais queria chegar perto, tivemos de passar o recreio juntos, sentados sozinhos debaixo de uma árvore. E me lembro que, sempre que conversávamos sobre os desenhos animados que passavam na tevê, eu comentava que eram melhor que vida real.

Evitávamos ao máximo falar sobre o que estava acontecendo. Eu ainda tinha aquela esperança de que, depois de algum tempo, as brigas iam passar, eu e minha irmã não precisaríamos mais nos esconder debaixo da coberta para abafar o som, para escapar da realidade em que os pratos quebravam a cada dia. Quando as férias chegaram, me dispus a dar mais atenção a ela do que o normal, sempre me lembrando do seu aniversário tão traumático. Um dia, minha mãe chegou do trabalho um pouco antes do meu pai e nos viu brincando de criar uma cidadezinha

com bloquinhos de madeira e, embora estivesse com um cansaço no olhar, disse “Que legal vocês brincando. Eu também posso?”. E o cansaço se transformou em tristeza quando minha irmã respondeu “Só se tu e o pai pararem de gritar de noite”. Eu observei minha mãe correr para o banheiro levando as mãos ao rosto, tentando cobri-lo, enquanto eu ainda estava deitado no chão com um pequeno telhado de brinquedo entre os dedos. “É que tudo é muito difícil”, expliquei para minha irmã mais tarde, com dor no peito. “A gente tem que deixar eles se resolverem sozinhos.”

Não muitos dias depois, nossos pais tiveram a maior briga de todos os tempos. O motivo foi banal, como o era muitas vezes. Não conseguiria dizer agora exatamente qual foi.

Primeiramente, ouvimos grandes estrondos. Depois vieram berros. Diferentes dos habituais: eram mais altos, com medo. Sons de passos corridos e corpos se chocando contra os móveis da cozinha. Parecia que um estava perseguindo o outro. Corri até o quarto da minha irmã e,vendo os fios de cabelo desgrenhados tremendo debaixo da cama, me agachei e me arrastei para ficar junto dela. Nos abraçamos.

Não menti para minha irmã naquela vez nem agora, mesmo que minha vontade fosse a de dizer “Tá tudo bem”, assim como meu pai tinha garantido. Ao invés disso, admiti, enquanto esquentava nossa janta, “Não sei quando tudo isso vai acabar. Já perguntei, e ele ficou irritado. Não podemos fazer nada”. Ao que ela respondeu “Quando a mãe vivia com a gente, tu também dizia pra gente não se meter... Se tivéssemos feito alguma coisa, ela ainda podia estar aqui!”. Não respondi. Não tinha como. Era bem possível que minha irmã estivesse certa. Comemos em silêncio, eu me sentindo culpado.

Naquela noite horrível, depois de meu pai ter saído de casa e os barulhos cessarem por completo, nossa mãe entrou no quarto e se dirigiu até nós. Suas duas mãos, quentes, procuraram nossos rostos. “A mãe vai ter que fazer algumas coisas”, disse, com a respiração trêmula, que denunciava o choro anterior e previa o próximo. “Vou ter que fazer umas coisas e não vou poder ficar com vocês por algum tempo.” O desespero da minha irmã começou a se agravar, e ela desabou num pranto terrível de se assistir. Eu apertava minhas mãos, nervoso, temendo o que pudesse acontecer em seguida. “Eu sei que vocês são mais es-

pertos do que eu penso. Sabem mais do que eu às vezes", e ela deu uma breve risada que quase terminou em novas lágrimas. Aproximou a cabeça para mais perto do chão e falou "Não vão se esquecer de mim", e deu um beijo na testa de cada um para depois se levantar e, lentamente, atravessar o quarto.

"Desculpa", disse eu à minha irmã depois de termos jantado. Estávamos sentados ali na cozinha, lugar onde havia ocorrido a maior parte das brigas. Ela ainda estava um pouco brava comigo, mas ainda assim perguntou: "Pelo quê?". Suspirei. "Por tudo que tá acontecendo." Quando me levantei para juntar a louça da mesa e lavá-la, ela disse "Eu te ajudo" e pegou o pano de prato. Fiquei olhando para cima enquanto esfregava os pratos, para o sótão que estava do outro lado do teto. Meu pai sairia de lá a qualquer momento.

"Mas nós estamos aqui", sussurrei. Já fazia meses que estávamos aqui. Queria ter a coragem de dizer para ele "Quando tu vai começar a cuidar dos teus filhos? Quando tu vai esquecer a mãe? Porque agora não adianta, ela nunca mais vai voltar!".

Quando fui colocar minha irmã para dormir, ela me questionou "O que vai acontecer quando voltarmos a estudar?". "Como assim?", perguntei. "Será que eles já esqueceram que não gostam mais da gente?" Apaguei a luz do quarto e me sentei na cama dela para dar um beijo em sua testa, no mesmo lugar em que nossa mãe nos deu, sabendo que o meu jamais se igualaria. E, sentindo a necessidade de mentir pela primeira vez, disse "Acho que sim".

Quando finalmente fui para minha cama, não deitei. Subi nela, tentando ficar mais perto do teto, tentando ouvir algo. Nada. De uns dias para cá, a curiosidade tinha voltado e ficava martelando mais forte na minha cabeça. O que ele fazia de tão importante? Mais importante que minha irmã, que seus filhos? Ele não conseguia esconder que a ausência dela ainda o afetava profundamente. O meu pai estava no sótão. Em vez de estar nos cuidando. Saí do meu quarto e fui até o corredor nos fundos da casa, onde ficava o alçapão.

Estava fechado, e havia apenas uma escada montada ali perto, usada para alcançá-lo. Sabia que faria barulho, mas não me importei e, quando já tinha subido até o último degrau, empurrei a porta de madeira para cima e ergui minha cabeça para ver.

Abre os olhos

Pâmela Pereira de Pinho

Abriu os olhos, olhou para a mesa de cabeceira e ainda faltava pelo menos meia hora pro despertador cumprir sua função diária. O marido permanecia num sono tranquilo ao seu lado, enquanto ela observava que suas costas pareciam mais largas do que há quinze anos, quando começaram a compartilhar a mesma cama, uma cama de solteiro nos fundos da casa de uma tia. Na época, a cama parecia de tamanho perfeito pra um casal apaixonado; era confortável, mesmo no calor de Porto Alegre em pleno janeiro, com aquele ventilador arno barulhento com suas pás azuis. Onde qualquer pessoa em sã consciência iria querer distância uma da outra, aquela temperatura escaldante não era páreo para um jovem casal de estudantes que planejava o futuro, deitado na pequena cama, mirando o forro de madeira no teto.

As lembranças dos tempos de faculdade, daqueles perrengues que todo o início de vida a dois tem, e que dão certa graça e charme ao serem contados aos casais de amigos em jantares regados a garrafas de vinho importadas do sul da Argentina, onde todos têm uma história mais ou menos parecida, vieram à mente naquela manhã em que se sentia estranhamente diferente.

O primeiro encontro foi casual. Ela, recém-chegada da região da campanha para estudar arquitetura, ficara sabendo, por meio de um dos murais espalhados pelos corredores da universidade, sobre um show meio punk, meio rock, que ocorreria no centro. Meio entusiasmada, meio receosa, resolvera ir. Ele, um jovem estudante de direito, filho de uma professora primária e de um vendedor de ferragens da loja do bairro do IAPI, aficionado por rock, punk, underground, frequentador assíduo desses ambientes, não perderia essa festa, como não perdera tantas outras do mesmo estilo.

Na tal da festa, era impossível não se cruzarem. O bar era pouco maior que a garagem da casa em que ela crescera, onde o pai guardava, como uma relíquia, o velho Del Rey que havia comprado no ano de seu nascimento, 1984, 0 km, como ele

adorava se gabar. No carro, o pai, um homem comum, dono de uma pequena fabriqueta de móveis e recém-viúvo, colocava no banco de trás as quatro filhas, todas com bochechas reluzentes, cheias de sardas e com os cabelos ruivos muito bem presos com tiaras, presilhas e rabicós. Ainda tentando acostumar-se com a viuvez e a criação de quatro meninas, saía aos sábados a passear pela cidade, sem rumo muito certo, apenas com a certeza de que, no caminho, comprariam aquelas porcarias doces que toda criança do final dos anos 80 amava: chocolates em formato de moedinhas de ouro, pirulitos multicoloridos, pipocas doces em embalagem rosa e merengues cheios de anilina.

Mas, por que estava lembrando-se disso mesmo? Ah, claro, a festa, o tamanho do bar, os cálculos que fazia de cabeça sobre a quantidade de pessoas por metro quadrado que caberiam naquele espaço. A velha mania de imaginar os espaços, compará-los, pensar no melhor aproveitamento deles – mania que a acompanhava desde a infância, quando recortava, daquelas revistinhas de propaganda de móveis, camas, roupeiros, sofás, mesas e, depois, desenhava em cartolinas os projetos das casas, dispondo os móveis de papel e imaginando a família que moraria ali. A escolha do curso parecia-lhe natural: arquitetura. E foi a arquitetura que a levou à capital e àquela festa; e a festa, àquele cara; e o cara, àquele casamento.

Agora, nessa manhã em que ela olhava para as espaldas do homem que encontrara em sua primeira saída oficial na capital, irritada com a placidez de seu corpo que dormitava sobre o colchão que ela insistia há muito em trocar, era difícil lembrar-se com exatidão da primeira conversa ou dos motivos de ter olhado, num passado quase irreconhecível, para aquele rapaz de porte médio, com cabelos louros na altura dos ombros, de olhos azuis, encostado no balcão do bar, com um copo de cerveja morna na mão e a tez de alguém que inspirava calma e confiança.

Ele se formou dois anos depois que se conheceram e foi trabalhando num escritório famoso da capital que descobriu o que queria mesmo era se tornar defensor público. Enquanto ela terminava o estágio e sonhava com uma vaga num escritório "bambambam", ele se dividia entre o trabalho e os estudos para o concurso que tanto desejava. A esta altura já haviam deixado o quartinho dos fundos da casa da tia e moravam num pequeno, bem pequeno, apartamento na José do Patrocínio. Foi ali que

ela conseguiu o primeiro emprego e que ele passou no concurso para defensor público do estado.

Lembrava-se do apartamento com saudade. Naquele pequeno espaço, vivera os melhores anos de sua vida, a tal ponto que, mesmo depois de estabilizados nos empregos, ainda relutavam em sair dali. A habilidade própria da profissão fizera-a transformar o pequeno apartamento em um lugar aprazível, e, com tudo no lugar, o espaço até parecia maior. Ou seria a memória, essa quase entidade metafísica, que a fazia lembrar com tanta saudade do minúsculo "apertamento" da José do Patrocínio?

De repente, o incômodo por ter acordado antes do despertador e a irritação que a tranquilidade do sono daquele homem causava, a tal ponto de fazê-la retornar à infância provinciana, à escolha profissional, ao encontro dos dois, ao velho e pequeno apartamento, por uma fração de segundo distraíram-na do único propósito que tinha para aquele dia: pedir o divórcio.

Era estranho. Na noite anterior a essa manhã, eles foram ao cinema do bairro, como sempre costumavam fazer aos domingos, e, caminhando de mãos dadas em direção ao restaurante que toda a semana recebia-os, nas calçadas, os transeuntes se desviavam com medo de desenlaçá-los. A noite estava agradável, havia uma aragem fresca e um cheiro adocicado das árvores, que, por passarem o dia todo a receber sol, à noite, lançavam perfumes de primavera pelas ruas.

Nessa noite, apenas poucas horas antes de seu despertar, o desejo irrefreável de dizer “deu, não quero mais essa merda” ainda não estava ali – ou, pelo menos, não parecia estar. Porque não era uma merda, não, não era, pelo menos até então, até aquela manhã em que o casamento ganhou o adjetivo. Aquele homem deitado ao seu lado, causando um desconforto quase nauseante, sempre fora um cara legal; ele sequer roncava, o que era uma qualidade louvável em quinze anos de casamento. Suas irmãs, sardentas e ruivas, invejavam-na, suas amigas de faculdade e as colegas do trabalho, admiravam-nos. Mas isso não era suficiente.

Essa vontade de dizer “basta!”, que veio deus sabe lá de onde, era difícil de rastrear. Mas estava ali. Era impossível negar, estava entre os lençóis, naquele quarto que ela mesma desenhara, imaginando-o primeiramente com móveis de papel, recortados das revistinhas de propaganda quando ainda era uma menina

no interior. Ela estava ali, entre seu olhar para a serenidade com que o marido dormia e suas lembranças de um passado feliz, mas agora pálido, esvaziado de sentido. A palavra estava em sua garganta, dançava em sua boca, pronta para ser articulada: terminou.

Assim que o relógio despertasse, que o marido se virasse para dar-lhe um beijo de bom dia com seu costumeiro hálito matinal, nesse momento, ela lhe diria: “acabou”. Desse jeito mesmo, como quem dá bom dia ao porteiro, à vizinha ou à moça que passeia com o cachorro.

Olha para o lado; faltam cinco minutos para o despertador tocar. Olha para o teto, não mais fazendo planos para o futuro; agora olha para o teto como que buscando uma resposta. Mas qual era mesmo a pergunta? Os olhos fecham-se, e, de repente uma série de imagens tomam sua mente. Abre os olhos. Faltam apenas dois minutos. O corpo do marido, como que prevendo o barulho iminente do relógio, mexe-se na cama. Ela tem um minuto até que ele a olhe, beije, levante-se, entre no chuveiro, vista-se, tome o café e saia para mais um dia de trabalho. Um minuto e tudo lhe vem à mente: o pai; o Del Rey 84; a morte da mãe; as irmãs ruivas, sardentas e invejosas; os doces comprados aos sábados; o teto; as pás azuis do ventilador arno; o vinho argentino; as risadas dos amigos; a festa underground; o copo de cerveja morna na mão do futuro marido; o apê da José do Patrocínio. Dá saudade, dá sentido. Como terminar com tudo isso? Faltam cinco segundos, e ela não sabe mais se aquela vontade está ali. Há meia hora, ela estava, bem ali, na sua cabeça, caindo da sua boca, mas cadê? Cadê sua vontade? Cadê sua coragem? O despertador toca, ele está se virando, e, quando ele se vira por completo, sorrindo, calmo por ter dormido o sono dos justos e feliz em olhar a mulher que ama, nesse exato momento, o que mesmo ela diria ao responder ao seu “bom dia”?

Partiram o coração do meu irmão

Nicole Mezadri

Eu sempre soube e jamais neguei o fato de que não tinha imaginação nenhuma e, muito menos, senso o suficiente para reflexões profundas. Minhas palavras e meus pensamentos eram objetivos, rápidos. Nunca fui detalhista. Mas, para saber que meu irmão havia tido seu coração partido por alguém, não era necessária muita criatividade em divagações. Até porque ele próprio me pedira, no dia anterior àquele, o que eu achava de cartas ou mensagens de amor, ao passo que respondi que jamais escrevera uma e nem pretendia fazê-lo em um futuro próximo. Histórias inventadas, como o romance, não eram para mim.

Quando Alan chegou em casa naquele final de tarde, com os cabelos negros e o calção de banho encharcados de água do mar, olhos embaçados e postura curvada, larguei imediatamente o livro que lia estirado no sofá. Ergui o pescoço, com o braço apoiado sob a nuca, e o encarei firmemente: devia ter saído correndo da praia, que ficava a umas duas quadras do apartamento que dividíamos com nossa mãe, pois nem se secado tinha. Areia úmida grudava-se em seus pés descalços; seus passos eram rápidos e seu peito magricela e pálido subia e descia depressa, como se ainda não acreditasse em algo que havia acabado de acontecer. Nossa pequena residência de quatro cômodos de repente ficou menor ainda diante de sua agitação.

Ele, com 14 anos, era terrivelmente parecido comigo quando eu tinha sua idade. Naquele presente momento, eu já tinha 17, e me senti no dever de orientá-lo com minha experiência no ramo. Mas não tanto, já que eu não gostava de deveres, principalmente os de casa. Julguei que aquele se enquadrava como um “dever de casa”.

– O que aconteceu com você? – perguntei, já tendo ciência absoluta da resposta.

Ele me encarou, olhos castanhos arregalados.

– Uma coisa terrível. Roubaram o que eu tinha de mais precioso.

Revirei os olhos, resistindo ao impulso de chamá-lo de dramático. Ele e mamãe tinham ficado com a parte sensível e ima-

ginativa da família, enquanto eu fiquei com a parte séria e sem enrolação.

Sentando-me no sofá e me espreguiçando para poder observá-lo de frente, logo comecei a pensar em como seria a garota que o magoara. Mas apenas para poder ajudá-lo melhor, claro.

Pensei que talvez ela fosse loira, ou então ruiva. As paixonites de meu irmão geralmente tinham características específicas. A tal devia ter altura mediana, olhos verdes ou castanhos (azuis seriam gélidos demais) e bochechas vermelhas de sol. Suas madeixas talvez batessem na metade das costas, ou então estivessem amarradas, para não se encherem de areia da praia. Ela usava chinelos, isso era certo, pois garotas deveriam ter pés delicados, e maiô (devido a sua idade). Por alguma razão, minha mente sugeria que devia ser azul ou verde água, provavelmente estampado.

– Sei, irmãozinho, sei. Você não acha que está sendo um pouco exagerado?

Alan arregalou mais os olhos, seu espanto passando para indignação enquanto dava um passo à frente, sujando o tapete limpíssimo de mamãe (teríamos problemas quando ela chegasse do trabalho).

– Óbvio que não, Alex! Eu estou falando sério! Não sei mais o que fazer!

– Ei, calma. Também não se pode reagir assim. – respondi, erguendo as mãos em um gesto tranquilizador.

Pela maneira como ele estava perturbado, desconsiderei todas as minhas hipóteses anteriores. O tipo de garota que o havia atacado era diferente, um que eu conhecia bem: o tipo de Daiana Oliveira.

Conheci aquela menina quando tinha 14 anos, por coincidência. Não que eu tenha me apaixonado ou sequer gostado dela – coisas bobas como isso não eram pra mim. Sempre fui muito racional e controlado quanto à paixão. Mas, ainda assim, devo ter sentido algo.

Daiana tinha a mesma idade que eu, cabelo castanho claro e olhos pretos que se destacavam em seu rosto redondo. Apesar de ter a pele morena de sol, suas bochechas grandes não deixavam de ser sardentas, quase sempre cobertas por duas listras brancas de protetor solar fator 50. Inclusive, era disso que ela

tinha cheiro: protetor solar e água do mar. Lembrei que ela era bastante baixa até, o que me abria a possibilidade de implicar com ela (na verdade, tudo o que eu queria era chamar sua atenção). Um dia, acabamos nos desentendendo por eu tê-la visto de mãos dadas com Michel, um antigo colega de escola. Na época, senti que meu peito havia sido posto debaixo de uma carga de tijolos, perdi o apetite por vários dias e me senti cansado em excesso por, pelo menos, uma semana.

Ainda assim, o pior de tudo, para mim, era imaginar Daiana de mãos dadas com Michel em algum lugar lá fora. Eu sentia uma irritação incomum, que me levou a decidir não mais falar com a menina, embora fôssemos praticamente vizinhos e estudássemos no mesmo colégio.

Olhei melhor para o meu irmão, balançando a cabeça e fingindo que entendia seus sentimentos exagerados. Eu não podia julgá-lo, afinal garotas como Daiana realmente eram encantadoras, principalmente para alguém mais vulnerável como ele.

Cruzei os dedos sobre o colo, respirando fundo. Era hora do sermão de irmão mais velho, era hora de fazer meu papel de responsável, como mamãe sempre dizia.

– Respire fundo, Alan. Pare quieto e sente ali. – eu falei, apontando para uma cadeira dobrável apoiada no canto da sala.

Com as sobrancelhas franzidas, ele me obedeceu, acomodando-se um pouco distante do tapete (finalmente lembrou-se de que não podia sujá-lo). Apoiou-se nos próprios joelhos, o queixo pousado nas mãos enquanto me encarava, esperando meu sábio discurso.

Senti-me feliz, claro. Era bom ter domínio pleno quanto a um assunto. Ainda assim, pensei que, enquanto o ensinava a viver, eu também podia aprender algumas coisas. Por isso, refleti um pouco, imaginando o possível nome da quebradora de corações. Sem querer, algumas questões próprias surgiram também.

Por fim, fiquei surpreso com o que descobri de mim mesmo, coisas relacionadas a Daiana e ao tratamento que lhe destinei.

– Ok, diga-me: quem foi que roubou seu coração? A Gabi, da qual você me falou semana passada? Ou seria a Ângela? – torci para ter acertado os nomes, atento a ele.

Quando eu disse isso, sua testa lisa franziu-se totalmente, e ele quase levantou-se da cadeira.

– Do que você está falando? Meu coração não foi roubado! – ele se agitou mais, mesmo que uma careta debochada se formasse em seu rosto – Meu celular é que foi! Você viaja demais!

Fiquei imóvel por uns instantes, só então assimilando tudo. A situação era bem mais simples do que eu pensara.

– Ah, tá.

– O que foi? O que você vai fazer?

– Eu? Acho que – pensei por um instante, estalando a língua – vou escrever uma mensagem a alguém. Não de amor, claro, mas de desculpas pelo meu ciúme de criança.

– Eu estou falando do roubo do meu celular, Alex!

– Ah, sim. Quanto a isso – murmurei, pegando de volta o livro que largara no sofá e voltando a abri-lo – eu não posso fazer nada. É melhor você já ir escrevendo seu testamento, porque a mamãe vai te matar por ser tão desatento.

Ele me encarou como se eu tivesse três cabeças. Condenando-me com o olhar, disse que me odiava, bufou e saiu da sala, deixando-me ler em paz. Ignorei-o, afinal sentimentos alheios não eram a minha praia, muito menos especulações.

Uma manhã fria

Marcos da Silva Bagatini

Sabe, é meio engraçado como a vida pode ser irônica às vezes e, somente agora, enquanto me afogo em meu próprio sangue, percebo algumas coisas sobre a efemeridade desse "presente de Deus." O fim está próximo, mas vamos começar pelo começo.

Era uma manhã fria. Acabara de acordar e já havia pego meu telefone. A data indicava 1º de abril e havia uma mensagem da Lara que dizia: "Quer ir no parque?" Embora a mensagem fosse claramente bem seca, foi o suficiente para alegrar meu dia. Vesti-me bem e fui a seu encontro. Chegando lá, encontrei a menina no balanço, com roupas de inverno, um gato no colo e olhos azuis fixos no nada, tendo um profundo devaneio. Ao aproximar-me mais um pouco, ela me percebeu e sorriu. Conversamos por alguns minutos, até que ela disse algo que me instigou a curiosidade:

– Você acredita em Deus?

– Sim, eu acho, - respondo - por quê?

– Pois os religiosos sempre falam sobre a morte, mas por que devemos morrer?

Por que esta vida tão doce tem de chegar ao fim? - ela disse enquanto o gato ronronava em seu colo.

– Acho que essa é a graça da vida. Por que essas perguntas agora?

– Nada.

Ela se levanta, ainda com o gato no colo, e andou uns dois metros. Olhou-me e fez um sinal com a cabeça, como se quisesse que eu a siguisse, e eu assim o fiz.

Após uma breve caminhada, paramos em frente a uma rua. O gato pulou em direção à estrada enquanto um caminhão estava passando. Lara, instintivamente, foi em direção ao gato sendo atropelada bem diante de meus olhos. Sobre o seu corpo ensanguentado estava o gato, encarando-me e, logo atrás dele, um rapaz. Ao olhar para ele, senti o tempo passar mais devagar, como uma calmaria antes da tempestade. O rapaz olhou-me e disse:

– A vida não é muito justa não?

– ...

– O que houve? Não foi você mesmo quem disse que essa era a graça na vida? Não acha isso engraçado?

Houve um momento de silêncio até que ele continuasse:

– Tenho uma proposta para você: o que você faria para tê-la de volta?

– Eu faria qualquer coisa para tê-la de volta! – disse sem exitar.

É uma manhã fria. Acabo de acordar e já pego meu telefone. A data indica 1º de abril e... Espera, primeiro de abril? Olho mais um pouco e percebo que há uma mensagem da Lara dizendo: "Quer ir no parque?". Mal me arrumo e vou correndo para lá, onde a encontro, com as mesmas roupas de inverno, o mesmo gato no colo e todo o resto igual. Fico olhando-a até que ela me pergunta:

– Você acredita em Deus?

Talvez tenha sido um sonho ruim, talvez seja o maior *déjà vu* da história. Isso, só pode ser isso, não há outra explicação! Sento-me e a conversa segue igual à primeira vez; ela se levanta, anda até a calçada, o gato pula e...

É uma manhã fria. Acabo de acordar com lágrimas nos olhos. "O que está acontecendo aqui?" – pergunto-me enquanto pego o telefone que mostrava a data de 1º de abril e uma mensagem "Quer ir no parque?". Arrumo-me o mais rápidamente que posso e vou para o parque. Lara está lá, com suas roupas e o gato, olhando para o nada, e diz:

– Você acredita em Deus?

– Não! – respondo de forma mais grossa do que o esperado.

Ela me olha com uma cara séria, peço desculpas e conversamos por uns minutos, até que ela se levanta, caminha até a calçada, o gato pula e eu seguro o pulso dela bem a tempo de o caminhão passar.

– Nossa! Essa foi por pouco – ela diz –. Obrigada!

Antes de algo a mais acontecer e ainda segurando o seu braço, vou até o lado oposto do parque. Enquanto subo as escadas, Lara, com uma cara séria, diz:

– Ei, aquele não era o gato de mais cedo? Como ele pode ainda estar vivo?

Ela estava certa: o gato estava bem no final da escadaria. Com o susto ao vê-lo, paro repentinamente. Lara, que estava

atrás de mim, esbarra em meu corpo imóvel, tropeça e cai das escadarias.

É uma manhã fria...

Os dias tornaram-se semanas e as semanas tornaram-se motivo para pena. Todo dia a mesma história contada de diferentes formas: o caminhão, a escada, a casa em construção, o bêbado... Todas sempre acabam da mesma forma: comigo acordando no dia dos bobos. Se Deus existe, ele não tem um senso de humor muito nobre.

É uma manhã fria. Acabo de acordar e já pego meu telefone. A data indica 1° de abril e há uma mensagem da Lara dizendo: "Quer ir no parque?". Embora seja claramente uma mensagem bem seca, foi o suficiente para estragar meu dia. Visto-me bem e vou ao seu encontro. Chegando lá, encontro a menina de sempre, no balanço, com roupas de inverno, um gato no colo e olhos azuis fixos no nada, tendo um profundo devaneio. Ao me aproximar, ela me olha e diz:

– Noite longa?

– Você nem faz ideia – digo secamente.

Conversamos por alguns minutos. Ela se levanta e aponta com a cabeça para que eu a siga. Vamos até a calçada, o gato pula de seu colo e eu puxo seu braço para trás enquanto me arremesso na direção do caminhão. A dor foi intensa, havia gosto de sangue em minha boca e minha perna estava em um ângulo estranho, mas nada comparado à dor dos últimos dias. Finalmente um pouco de paz. Enquanto desfruto de um ciclo quebrado, escuto conversas paralelas a meu fim. Resolvo olhar para o rosto de Lara uma última vez e, ao vê-lo, percebo que ela olha para alguma coisa no final da rua, no mesmo lugar de onde vinha a voz que escutei há poucos segundos, e as últimas palavras que recordo ter ouvido de Lara foram: "Eu faria qualquer coisa para tê-lo de volta."

A esposa

Carine Manica

Estava chovendo muito, então as pessoa amontoavam-se embaixo de alguns guarda-chuvas ao redor do túmulo; a maioria, em pares, menos a esposa. Ela preferiu manter-se afastada dos demais, como se a dor em seu coração necessitasse de um amplo espaço para si. Dor de indignação, por ter sido tão cedo, e de desespero, por não saber como continuar vivendo sem seu companheiro. Sentia-se velha e pronta para morrer com ele, pois, desde o momento em que soube da morte de Valentim, foi como se um buraco enorme tivesse se aberto e todas as suas energias tivessem sido escoadas rapidamente por lá. A verdade é que uma grande parte dela havia sido enterrada junto com o marido.

Aos poucos, os parentes e amigos despediram-se com palavras de conforto e partiram rumo aos seus lares. Sozinha no cemitério, muitas cenas passavam-se em sua cabeça. Não um filme bonito em preto e branco e com trilha sonora – coisa hollywoodiana – mas uma sequência desconexa de imagens de todos os anos que passara com Valentim.

Conheceram-se muito jovens, ela tinha 12 anos e ele, 14. Tornaram-se vizinhos quando sua família decidiu se mudar para a capital, ficaram amigos e, mais tarde, começaram a namorar.

Casaram-se alguns anos depois do fim do ensino médio, e ela dedicou todos os dias de sua vida desde então a ele. Não havia necessidade de trabalhar, devido à grande empresa que o marido herdara do pai. Então ela passava os dias preparando refeições saborosas, tricotando cachecóis para o inverno, organizando o escritório e realizando qualquer outra tarefa necessária para cuidar de seu lar e de sua família, que se resumia a Valentim.

Quando seus pés já estavam encharcados e duros do frio e ela já havia passado tempo o suficiente olhando para o túmulo – como se aquilo fosse, de alguma forma, fazê-la aceitar que aquele pesadelo era real, que nunca mais veria a pessoa que mais amava no mundo – caminhou até os grandes portões de ferro e chamou um táxi para ir para casa.

Ao chegar, achou que estava no endereço errado. Não que houvesse algo diferente na fachada, porque não havia, mas o sentimento de conforto em chegar àquele lugar havia sido substituído por um grande estranhamento: faltava algo. Faltava o mais importante. As mãos trêmulas procuraram a chave dentro da bolsa de couro e, ao encontrarem-na, agarraram-se ao metal frio, como se o objeto fosse ancorá-la à realidade. Abriu a porta e entrou em casa, olhando ao redor: tudo estava estranho. Cada mínima parte de cada móvel lembrava o marido; era quase como se ele estivesse presente, mas não estava. Na cozinha, lembrou-se de que ele sempre abria pelo menos três portas dos armários antes de encontrar o que estava procurando. Lembrou-se da vez em que ele tentou pegar um copo que estava atrás de todos os outros, o que resultou em três taças quebradas no chão; então ele olhou para ela e sorriu em um pedido de desculpas irrecusável. Ele estava em cada centímetro da casa.

Passando pelo corredor, viu o telefone em cima da mesinha de vidro, e começou a lembrar dos acontecimentos do dia anterior. Havia recebido uma ligação do hospital: Valentim havia sofrido um acidente de carro voltando do trabalho e estava na UTI. Balançou a cabeça, afastando as imagens. Caminhou até o quarto para guardar a bolsa. Naquele cômodo, ele estava ainda mais presente. Tudo tinha o seu cheiro, sua cara, sua marca. No cabideiro, uma gravata, que ele pretendia usar na reunião que teria no final da semana.

Sentada na cama, pensou em como a vida era frágil, não apenas a do falecido esposo, mas também a dela, que havia acabado por conta da morte de outra pessoa. Por que se sentia tão fraca? Havia se saído bem, organizando todo o funeral sozinha, tinha feito um belo discurso, que, certamente, deixaria Valentim orgulhoso. Havia feito tudo o que poderia fazer, tudo o que contentaria o marido. Mas ele não estava contente; estava morto.

Ergueu a cabeça e mirou os arredores, aquela impressão de estar esquecendo de alguma coisa. Foi então que viu. Olhou para algo que nunca havia olhado antes. Do lado oposto do quarto, na porta do guarda-roupas, havia um espelho, e, naquele, espelho, ela. Elisa levou um susto e aproximou-se para ver melhor, movendo a cabeça e o corpo levemente de um lado para o outro, observando atentamente o próprio reflexo. Quem era aquela

mulher? O que estaria fazendo ali, perturbando seu luto? Ficou curiosa. Quem era aquela mulher? Do que gostava? Do que não gostava? O que queria? O que não queria? Ela não sabia responder. Aquela mulher que olhava de volta para ela era – para sua surpresa – bonita, e parecia ser simpática também. Adoraria conhecê-la. Conhecê-la mesmo, profundamente conhecer; seus medos e suas angústias, seus sonhos e suas aspirações. Será que ela possuía sonhos?

Estava ansiosa para descobrir. Havia constatado que ela era bonita e simpática, mas e o que mais? O que mais ela sabia sobre a intrusa? Nada. Será que gostava de literatura, música, arte? Ou será que preferia números e coisas lógicas? Preferiria ela dias ensolarados e com brisa leve ou dias de tempestade? Como seria seu jeito preferido de usar o cabelo? Será que era vaidosa, gostava de usar maquiagem? Quantas coisas existem para serem descobertas sobre uma pessoa que não se conhece!

Elisa desviou os olhos do espelho porque o reflexo de algo atrás dela lhe chamou atenção. Na prateleira em cima da cama, em pequenos pedestais trançados de metal, havia duas esferas de vidro: simbolizavam ela e o marido, sua confiança e transparência um com o outro.

De repente, arregalou os olhos. O marido havia morrido. O marido havia morrido e, no mesmo dia, ela estava pensando em conhecer, e não apenas conhecer, mas conhecer profundamente, outra pessoa! Não importava que fosse ela mesma. O que ele iria pensar?

Seria aquilo um tipo de traição? O que isso fazia dela? Uma péssima esposa, certamente.

Sentiu vergonha. Tinha de rever sua conduta. O que o marido iria gostar que ela fizesse?

Nunca haviam conversado sobre isso. Quando que ela iria pensar que teria de viver sem ele?

A resposta veio como um sopro a sua mente. Era difícil de aceitar. Valentim sempre quis que ela fosse feliz. Não seria traição nenhuma conhecer a mulher do espelho, afinal isso poderia lhe trazer felicidade, não poderia? Traição era aquilo que havia cometido consigo mesma durante todos aqueles anos, renegando-se completamente em nome de outra pessoa. E era tudo culpa dela. O marido nunca lhe pediu que fizesse nada, nunca lhe pediu que cozinhasse ou que organizasse seu escritório, nunca

lhe pediu que abdicasse de uma carreira profissional para tornar o lar mais confortável, nunca lhe pediu a integralidade de sua atenção e dedicação. Ele a amava. Havia permitido que fizesse o que achava melhor durante tantos anos porque não queria interferir na escolha do que ela achava que lhe traria felicidade. Ela também o amava. Amou tanto Valentim que se esqueceu de si mesma. Nunca cogitou fazer algo para si, pela própria felicidade; pensava apenas em contentar seu companheiro. Pois bem, o companheiro havia morrido. Quem iria contentar agora? Qual seria o sentido da sua vida?

Caminhou até perto da cama, agarrou uma das esferas de vidro da prateleira, segurou-a firmemente, próxima ao peito, com as duas mãos, respirou fundo e, então, soltou-a.

Em um piscar de olhos, algo que era tão certo e tão bonito, não passava de cacos no chão, e ela não sabia se aquilo representava mais o marido, ou ela. Muito vagarosamente, retirou o pedestal de metal da esfera espatifada. Então, com uma mão, agarrou a outra esfera e abraçou; moveu seu pedestal para o centro da prateleira acima da cama e recolocou a delicada peça de vidro sobre ele. Afastou-se um pouco para observar seu trabalho. A esfera única agora chamava toda atenção para si e encarava Elisa, desafiando-a.

Café de papel

Lukas Kenes Silva

Eu não concordo com as pessoas que choram. São todas fracas ao meu ver. Não tenho tempo suficiente para tal coisa, e, mesmo se tivesse, de nada me adiantaria. Eu olhei direto para os olhos dele no momento em que lhe dei a notícia: a partir de hoje, eu não trabalho mais aqui.

"Alguém te fez alguma coisa?"

Ninguém fez nada; ninguém faz nada há algum tempo. Talvez esse seja o problema.

"Por essa eu realmente não estava esperando. Você é uma peça essencial nesta empresa."

"Entendo."

É a única resposta que sai. Ainda assim entendo, pois não me saio bem em despedidas.

No caminho para casa, algumas nuvens perseguem-me. Não há muito trânsito e, com isso, tenho tempo para pensar nas desculpas, nas explicações que terei de dar aos interessados. Foi neste carro que, há exatas duas semanas, surgiu essa ideia. Foram nessas viagens que ela foi cultivada até a sua graduação, transformando-se em uma atitude cujas consequências eu preciso enfrentar, ou, ao menos, amenizar.

Clara não gosta de cozinhar, e, para falar a verdade, o desgosto de um pelo outro é mútuo. Por isso sempre me causa certa estranheza quando ao chegar em casa, percebo as claras marcas deixadas, nos utensílios da cozinha, pelas suas tentativas de usá-los. Digo isso pelo fato de nossa cozinha sempre haver tido um alto valor simbólico para nós dois. Os móveis e utensílios foram presentes de casamento. Senhor Alcindo, meu sogro, presenteou-nos com a cozinha inteira e disse que esperava que ela nos acompanhasse ao longo de nossas felicidades, que estivesse conosco durante os momentos de alegria. Realmente, um homem diferenciado. Nunca o compreendi totalmente. Mas, para mim, toda a pureza e inocência que revestiam aqueles móveis atuam como uma espécie de reflexo do nosso casamento. Pode parecer loucura, eu sei, mas há de fazer sentido. Em belas cozinhas, não há sofrimentos. Qualquer dano, toda vez que a

torradeira quebrar, significará algo maior; se a geladeira resolver não resfriar, será ainda pior; e não quero nem pensar se a torneira parar de pingar.

Por que comigo?

O agradável aroma no ar parece conspirar contra minhas intenções. Dirigindo-me ao quarto, tento lembrar se seria hoje alguma data especial, mas o esforço não apresenta sucesso.

"Você chegou cedo hoje – ela diz." Parece estar no banho.

"Quis fazer uma surpresa."

Ela pausa. Penso estar surpresa.

"Isso não é muito você."

Minha mãe sempre disse que eu era previsível: ela sempre sabia o que esperar de mim – algo que não era muito diferente com as demais pessoas de meu convívio. Essa característica andou comigo por boa parte da minha vida. Na época de escola, eu mantinha um fatídico grupo com o qual realizava todos os trabalhos, assistíamos aos mesmos filmes, contávamos e ríamos das mesmas piadas. Produção em série.

Pessoas normais, aquelas mesmas que possuem belas cozinhas, são muito ocupadas para fazer surpresas.

Talvez seja este o momento em que eu finalmente estou tomando forma própria, tornando-me esse ser único que chega em casa enquanto o sol ainda não se pôs e que sente prazer em fazer surpresas.

Após o jantar, estamos os dois na sala, jogados no sofá, e, enquanto ela tenta tapar os furos de roteiro no filme que está passando, eu percebo que este seja talvez o momento perfeito.

"Olha só. Eu preciso falar uma coisa."

Mais uma vez a surpresa toma conta de sua expressão.

"O que pode ser tão sério que você precisa interromper o comercial?"

Sempre gostei de como ela consegue trazer o humor para as mais intensas das situações. Mas agora me faz sentir ainda mais culpado pelas minhas próximas falas.

Irei dizer que a estimo por demais, e, por isso, nada mais justo e sensato do que ela ser a primeira a ser informada. Irei contar sobre as ideias que acometeram meus pensamentos há algumas semanas, enquanto voltava para casa. Irei falar sobre a música que estava ouvindo naquele momento e sobre como tudo parecia fazer tão perfeito sentido. Foi por livre e espontânea

vontade que deixei meu trabalho para trás, o único elemento que dava um senso de normalidade para a minha vida.

Vou dizer para ela que a compreendo, que entendo se não partilhar de minhas vontades. Direi que tenho amor por ela, pois disso tenho certeza. Tenho certeza de que irei dizer ou que a amo, não sei ao certo.

Contarei que quero ir para o Chile e correr pelas ruas mostradas na reportagem de quinta-feira passada; que quero repousar em meio a uma praça verde enquanto as pessoas comem, bebem e falam de si mesmas. Quero ser contrariado, irritado, desnorteado. Quero fazer graça com piadas bobas, quero ser a piada.

Vou dizer para ela tudo isso. Irei dizer, ainda, que o problema não é com ela, pois seria mentira o oposto; não é comigo também. O problema é de fora. Disso tenho certeza. Talvez seja o café. Desde a infância venho ingerindo cerca de uma xícara e meia todas as manhãs e ainda não tenho certeza de que realmente o aprovo – uma daquelas atitudes previsíveis que fui replicando para me adequar à maioria.

É possível que a cafeteira esteja desregulada, com um parafuso a menos ou a mais, gastando mais energia do que necessário, entregando medidas erradas; enfim, já não é mais a mesma de antes.

O passado não me pertence e não posso consertá-lo, mas a partir de amanhã será diferente, pois de amanhã em diante, não beberei mais café.

A mulher da sacada

Gabriel de Castro Tereza

Era manhã de terça-feira quando Petúnia e João entraram pela porta da conhecida cafeteria.

Eram filósofos amadores do cotidiano e riam de si próprios quando se viam imersos em reflexões até sobre as mais pequenas banalidades da vida. Dessa vez, compartilhavam impressões sobres livros, séries e filmes que haviam explorado recentemente. João falou sobre *O Homem Duplicado*, de Saramago, e do quanto a obra o havia deixado mexido.

Petúnia disse ter assistido à série *You* , da *Netflix*, que, por sua vez, lhe fez lembrar de uma história ocorrida semanas atrás.

– Tem um prédio, aqui perto de casa, por cuja frente eu passo todos os dias, no trajeto até o Vale. Tijolos laranjas e persianas brancas nas janelas. No térreo, ficam as vagas de garagem, separadas da rua por umas grades cor de chumbo e, dali pra cima, três andares de apartamentos gêmeos. Nem bonito nem feio, nada marcante. Mas tem um apartamento em específico pelo qual eu era apaixonada! Ele tinha uma sacada com luzinhas e uma mesinha com vasos de plantas em cima. Dentro do apê, na parede de frente pra porta da sacada, um quadro enorme de *Friends* e um abajur embaixo, com uma luz amarelada, muito aconchegante.

As duas xícaras de café foram entregues.

– Uma mulher morava ali, devia ter seus quarenta e alguma coisa. Eu nunca a vi de perto, mas achava ela linda. De longe até se parecia comigo, modéstia à parte. De tardinha, quando eu voltava pra casa, às vezes ela tava na sacada, mexendo no *notebook* com um gato do lado. Quando isso acontecia, eu me escondia atrás de uma árvore pra ficar admirando aquela cena; ficava criando inúmeras teorias sobre a vida dela. Mas dias atrás ela se mudou e partiu meu coração.

João sorriu.

– E o que te motivava? Curiosidade em observar, apenas? Desejo de, de alguma maneira, ser ela, naquela realidade? Vontade de conhecer a história dela? perguntou ele.

– Um misto de coisas. Desejava ser ela, às vezes.

Também sentia vontade de ser amiga dela pra assistirmos *Friends* juntas. Sabe que amo *Friends*. Mas, sobretudo, ela era o que eu imaginava ser quando adulta, entende? Tudo bem que eu não sei nada da vida dela, mas aquela imagem de mulher independente, livre, com um gato e um apê todo lindo, era o que eu imaginava que seria nos meus vinte e poucos, quando ainda era adolescente. Não que eu não seja isso; eu tenho 24, tenho meu apartamento e me considero uma mulher livre e independente. Só não tenho um gato. Mas aquele cenário era uma possibilidade dentro da minha imaginação, assim como o que eu vivo hoje também o foi, de certa forma.

– Te entendi. Acho que, assim como nos filmes, a vida alheia, observada por uma sacada, ganha todo um significado especial. Fora que a imagem da sacada abre margem para um exercício fértil de imaginação. Ali tudo é possível.

– Sim! Quase que uma tela em branco pra gente colorir.

– Exatamente.

– Tu acreditas que eu cogitei a ideia de ir falar com ela um dia em que ela estava na sacada? Imagina: oi, eu te observo, te acho linda, quer ser minha amiga?

– Ah, não é um completo absurdo não. A gente deixa de fazer muita coisa por vergonha.

Quem sabe as experiências que poderíamos ter se fôssemos menos racionais nas nossas decisões.

– Eu acho que ela ia gostar – Petúnia sorriu com os lábios levemente abertos, achando graça da própria história.

– Aquele dia, na Praça da Alfândega, por exemplo, senti o impulso de sentar ao lado do tio dançante e cantante e perguntar: meu amigo, qual a tua história? Acho que a gente perde boas oportunidades, às vezes, pela ideia do constrangimento.

– Teria sido sensacional! Só acho que ele ia te pegar pra conversar e tu não ias sair dali tão cedo.

– Provavelmente! E sim, ia ser um pouquinho desconfortável acabar a conversa. Mas acho que isso é só reflexo da necessidade que uma pessoa, provavelmente invisível perante a sociedade, tem de ser enxergada enquanto ser humano dono de uma trajetória.

– Concordo. De qualquer forma, minha musa provavelmente não seria tão receptiva quanto supomos que o tio da praça seria, e, além disso, ela não está mais lá. Perdi a oportunidade.

– O prédio não tem portaria? – perguntou João.

– Tem.

– Pois então, que te custa vestir uma cara de pau, passar por lá e perguntar, pra quem estiver no local, que fim levou a moradora da tal sacada? Inventa uma história. As pessoas se conhecem, fazem amizade. Alguém deve conhecer ela. E mesmo que não seja o caso de amizade, digo, por experiência de quem é filho de porteiro, que eles sempre sabem da vida dos moradores.

Petúnia se pegou a pensar na possibilidade. Não era a primeira vez; já havia arquitetado o mesmo plano dias atrás, porém, ouvir a ideia da boca de João fez com que ela parecesse menos doida. A mulher da sacada havia mexido com a sua imaginação, e aquela proposta de investigação a excitava.

– Vem comigo! – disse ela.

– Vou!

– Agora?

– Agora! – respondeu João, rindo da situação.

Pagaram a conta e pegaram o ônibus que, naquela hora da manhã, estava com apenas metade de sua lotação. Viajaram cerca de cinco minutos. Depois do desembarque, caminharam juntos as sete quadras que separavam a parada do tal prédio. Iam nervosos, como se fossem a um primeiro encontro com algum recém-conhecido.

Chegando lá, não foi difícil conseguirem a informação com o simpático Seu Cláudio, porteiro daquele prédio de tijolos laranjas, nem bonito nem feio. Após contarem uma mentirinha, os dois saíram sabendo onde a tal mulher trabalhava. Sabiam agora até o nome da pobre vítima daquela perseguição, mas, para Petúnia, “mulher da sacada” guardava muito mais significado.

– Vamos lá agora? – perguntou Petúnia, com euforia.

– Já é meio dia, ela não deve mais estar lá.

– Droga, tens razão.

– Depois do almoço, então?

– Eu realmente adoraria estar junto contigo nesse momento tão icônico, mas tenho compromisso com a escola, de tarde. Acho que terás de completar a missão sozinha.

– Eu tenho vergonha de ir lá sozinha, assim...

– Ah, mas tu não vais chegar lá e confrontar a mulher, né? Caminha lá dentro e observa ela pra matar a curiosidade, num primeiro momento.

– Mas não és tu mesmo que diz para não perdermos as oportunidades por constrangimento?

E se ela vai embora do serviço também?

– Sim. Vai lá e confere. Se ela te parecer amistosa, prometo que amanhã de manhã vamos juntos e damos um jeito de puxar conversa. Não vamos dar tanto azar de a mulher se demitir de um dia para o outro.

– Tá, pode ser. Isso se antes ela não chamar a polícia e eu for presa. – Petúnia riu.

– É algo que temos de cuidar. – João riu de volta.

– Me liga depois de ver ela, se conseguir ver ela. Acho que tô mais ansioso que tu.

– Ligo sim, pode deixar!

Assim, na primeira hora da tarde, Petúnia dirigiu-se até o Jardim Botânico – local de trabalho da mulher da sacada, segundo Seu Cláudio. Andou por lá cerca de vinte minutos, até que, finalmente conseguiu avistá-la. A mulher não a viu, mas Petúnia sim. Viu-a de uma distância suficiente para que seu corpo e seu pensamento petrificassem. Aquilo era irreal!

Assim como na frente do prédio, Petúnia, depois de alguns segundos congelada, buscou refúgio atrás de uma árvore para não ser notada pela mulher. Observou, abismada, por mais um minuto para ter certeza, e, então, pegou o telefone na mão. Precisava compartilhar com João o que seus olhos estavam vendo.

– E aí?

Silêncio.

– Petúnia, está tudo bem? Está me deixando nervoso.

Silêncio.

– Vai me contar ou fazer suspense, sua boboca?

– João...

Faltava-lhe a voz.

– Conseguiu ver ela?

– Sim.

– E aí, quem é a tal mulher da sacada?

– Sou eu.

Não é possível dormir

Sheila Roberta Schweig

Não é possível dormir nesta noite. O mar está revolto, suas ondas batem com força na praia e o barulho é aterrorizante. A vista da parte de cima do sobrado comprova o poder da natureza: toda a faixa de areia da praia está tomada por água.

Estranho apenas que não há motivo aparente para a revolta das águas, pois faz uma noite limpa e iluminada de lua cheia. Normalmente essas ondas mais violentas ocorrem durante os piores temporais.

Há um pequeno jardim que separa o sobrado da areia. Amanhã suas flores estarão destruídas, mas logo devem retornar, pois é primavera neste hemisfério do mundo. Olho para o jardim e não posso acreditar: um homem se move, cambaleante, na direção do sobrado. Perdi as chaves há muito tempo – a maresia corrói tudo o que o homem constrói – deixando o sobrado sempre aberto para visitantes.

O homem cai, levanta novamente e abre a porta. Não deve ficar por muito tempo – ninguém consegue, na verdade: alguns fogem loucos, outros permanecem para a eternidade.

Percorro o quarto na direção do corredor. Da porta, é possível ver a parte superior da escadaria que leva ao primeiro andar. Caminho com meus passos sempre leves até o final do corredor, para que eu possa ver todo o andar inferior.

Vejo o homem e, ao contrário de muitos visitantes, não percebo medo no seu olhar. Ele parece fraco, desorientado. Imagino que tenha caminhado por muito tempo até encontrar o sobrado.

Desço calmamente as escadas. O homem está bastante interessado na mobília da casa. Os poucos móveis que ainda se sustentam têm belos detalhes entalhados em madeira, típicos da época em que foram feitos.

Aproximo-me dele, que suspende a respiração por um instante. Após, leva a mão direita ao bolso da calça. Está armado, creio. Ele vira-se lentamente e, ao encara-me, empalidece por completo.

Permanece imóvel, gravemente assustado. Suas feições modificam-se, seus músculos contorcem-se de pavor, de forma que

o homem muda por completo. O terror, que retira toda a segurança que um homem pode ter em si, estava estampado nos seus olhos. Aos poucos, suas certezas vão lhe abandonando. Por mais que sempre busque respostas para aquilo que vai além do que é palpável, ele aterroriza-se ao descobrir como será a sua existência. O homem, neste momento, perde a sua humanidade. O homem deixa de ser homem.

Em um último esforço do corpo para proteger o animal que restava ali, ele sai correndo, aos tropeços, do sobrado.

Retorno ao segundo andar e, olhando pela janela, vejo o homem correndo pela praia. Em alguns momentos, é derrubado pelas águas; em outros, cai sozinho na areia. Cada passo é dado com tanta dificuldade que apenas o horror diante do inexplicável pode justificar a sua fuga. Em pouco tempo, não posso mais vê-lo.

Volto a minha atenção às águas. Seguem imensas e transgressoras, formando um belo quadro sob a luz da lua.

Não é possível dormir nesta noite. As ondas já alcançam a porta do sobrado. Será este o fim?

O velho sobrado não enfrentará o forte impacto das águas por muito tempo. Acompanho cada dia deste sobrado há muito tempo. Na verdade, essa é a minha única e inescapável realidade – o que é realidade? – desde o início.

Conheço cada móvel, cada detalhe, cada ser que já passou por aqui. Neste sobrado, muitos encontraram o que mais temiam ou o que mais procuravam. Coube a mim registrar tudo o que acontecia aqui, como se a história quisesse assegurar que haveria um escriba pronto a contar ao futuro todo o passado.

Hoje escreverei sobre a noite em que as águas trouxeram mais um visitante. Nesta mesma noite, inclusive, em que não é possível dormir. Nunca as águas chegaram tão longe nesses mais de duzentos anos de vigília.

O sol da manhã

Eduarda Portella Gallina

Era apenas mais um dia da rotina entediante e repetitiva de Julia. Ela era uma garota comum, dessa leva de adolescentes de 15 anos que não têm nenhuma preocupação, a não ser o que vai almoçar no dia seguinte. Mas exatamente por essa comodidade, parecia-lhe que o mundo não tinha mais graça, que as cores já não eram mais tão vivas quanto costumavam ser. O único momento que realmente a animava era o nascer do sol; sempre que a escuridão da noite dava lugar à luz do dia, ela sentia que o horizonte à sua frente abria-se em um leque de possibilidades, fazendo seu coração palpitar de excitação.

E, desse modo, sua vida seguia naquele mesmo ritmo monótono de praxe, sem maiores alterações e com poucas nuances, a não ser, é claro, as da alvorada. Em meio a tudo isso, Julia ainda mantinha muitas amizades, tanto na escola quanto fora dela. A maioria era de anos de convívio, já desgastadas e corroídas pelo tempo. Assim, a vida de Julia adquiriu um certo conforto, afinal, resumia-se a circundar no mesmo círculo social, sem maiores desafios ou acontecimentos inesperados.

Mas, nesse dia, a menina teve uma maravilhosa surpresa. Ao adentrar os portões do colégio, foi sentar-se nos sofás da recepção com seus amigos, como era de seu costume. No meio do caminho até lá, sentiu um toque em seu ombro esquerdo e virou-se para ver quem a estava chamando. Em sua frente, encontrava-se uma garota alta – uns dez centímetros a mais que Julia – , com densos cabelos ruivos cacheados e olhos castanhos amendoados. Sardas pontuavam suas maçãs de rosto e argolas douradas marcavam as extremidades de sua orelha esquerda.

– Oi, acho que isto é seu – disse ela, apontando para um chaveiro com o formato do Sol. Julia comprara-o porque ele lembrava-a do amanhecer e trazia-lhe uma sensação reconfortante sempre que o via.

– É sim – respondeu Julia, um pouco confusa; o chaveiro estava preso firmemente em sua mochila, nunca havia caído antes. – Muito obrigada ...

– Louise – completou ela. Deu um leve aceno de cabeça e seguiu caminho pelo corredor.

Julia permaneceu ali, parada, sem ter a chance de dizer seu nome à garota de cabelos ruivos. Por algum motivo, estava um pouco confusa. Nunca vira alguém assim na escola antes, tão diferente e singular. Louise era o completo oposto de Julia, que tinha olhos azul-claros contrastando com sua pele morena cor de mel e cabelos castanhos dispostos em um corte reto que lhe caía sobre os ombros. Mesmo assim, sentia que conhecia aquela garota de algum lugar.

Julia demorou cerca de uma semana para encorajar-se a falar com Louise. Durante esses dias, passou a procurar, em cada canto da escola, a silhueta familiar da garota ruiva, mas ela sempre se perdia e em meio à multidão de alunos que enchia os corredores, sozinha como uma sombra. Além disso, ninguém pareceu notar a súbita chegada de uma nova aluna no colégio em agosto e, apesar dos esforços de Julia, nenhum de seus amigos sabia em que turma aquela menina misteriosa estudava.

Essa busca por respostas teve um fim em uma segunda-feira. O tempo estava nublado, e os termômetros marcavam temperaturas tão baixas que a respiração de Julia condensava-se em nuvens de vapor. A garota encaminhava-se de volta à sala de aula, após o sinal que marcava o fim do intervalo ter soado; porém, antes disso, tinha se desviado do caminho para ir ao banheiro, deixando seus amigos seguirem sem ela. Enquanto caminhava sozinha, percebeu que Louise estava sentada solitáriamente em um banco do pátio; seus olhos castanhos contemplavam o horizonte. À medida que Julia foi se aproximando dela, Louise percebeu sua presença e chamou-a com um gesto de mão, convidando-a a sentar-se ao seu lado.

Julia aproximou-se cautelosamente. Não sabia exatamente o que falar, mas Louise foi logo recepcionando-a.

– Oi Julia, quanto tempo!

– Você se lembra de mim? – perguntou Julia, assustada com tamanha intimidade.

– Claro que sim. Como eu poderia me esquecer de alguém como você – respondeu Louise. – Foi a primeira pessoa com quem falei ao chegar na escola.

– Nossa, muito obrigada, acho que ninguém nunca se importou tanto assim comigo...

– Mas você tem tantos amigos! Nenhum deles se importa com você?

Julia suspirou.

– Eles até se importam, mas é que eu sinto como se eu não fosse eu mesma diante deles...

– E quem é você Julia?

Louise estava começando a se tornar um pouco estranha. “Por que ela está me fazendo perguntas tão pessoais?”, indagou-se Julia. Ela sentia-se exposta e, ao mesmo tempo, reconfortada com a presença da garota de cabelos ruivos esvoaçantes; sentia que poderia compartilhar qualquer coisa com ela, por mais obscura ou profunda que essa informação fosse....

– Eu acho que não sei quem eu sou – respondeu Julia, revelando seus sentimentos. – Eu fico me escondendo por trás de máscaras na frente de todos, finjo ser uma garota extrovertida e confiante; mas eu não sou...

Então, afinal, quem ela era? Quando divagava sobre o assunto, o primeiro pensamento que aparecia em sua mente era ode que não passava de uma menina qualquer, genérica, sem graça. Mas, na verdade, Julia evitava pensar nisso, pois tinha medo de descobrir algo que a assustava, tinha medo de descobrir que era diferente...

– Eu não gosto de ficar sozinha ou de escutar meus próprios pensamentos – continuou Julia. As palavras pareciam fluir de sua boca como uma enxurrada. – Eu tenho receio de descobrir que, na verdade, sou alguém completamente diferente do que penso ser, do que os outros acham que eu sou. Tenho medo porque eu sei que não sou igual a todo mundo. Eu sou eu, uma pessoa desconhecida até para mim mesma.

Louise continuava encarando-a como se a compreendesse, os olhos cor de âmbar mirando os azuis de Julia. Ela levantou-se lentamente do banco.

– Pois eu acho que você sabe exatamente quem é Julia.

– Como você pode me dizer isso? – retrucou Julia, indignada.

– Eu acabei de admitir que não faço a menor ideia de quem eu sou!

Louise limitou-se a dar um sorriso enviesado.

– Você, Julia, é o sol da manhã, que dá fim à noite, ao desconhecido, ao mistério. Hoje, você começou a iluminar o mun-

do com seu brilho, mas esse é só o começo. É só o amanhecer. Ainda há um dia inteiro para abrilhantar.

Julia não entendeu quase nada do que Louise falara. Era obviamente uma metáfora, embora não captasse a mensagem que ela quisera passar. A situação tornava-se cada vez mais estranha. Julia já começava a se questionar e a se arrepender de ter revelado tantos segredos e pensamentos extremamente pessoais para uma completa desconhecida, apesar de Louise lhe parecer, de algum modo, como uma velha amiga com a qual poderia compartilhar seus maiores medos e anseios...

– Desculpe, Louise – prosseguiu Julia –, mas me perdi na parte do sol da manhã.

– Você é o sol, Julia – repetiu Louise, com cautela. – Mas só está começando a descobrir que realmente é. Está nascendo, pondo fim à noite, às mentiras e máscaras, e se preparando para mostrar a todos seu verdadeiro eu, seus raios de sol.

Julia sentiu-se extremamente tocada com aquela divagação, que era tão pessoal e especial. Sentia que finalmente havia encontrado uma melhor amiga...

Porém, de súbito, Louise começou a se afastar, caminhando a passos lentos e calculados.

– Louise! – chamou Julia – Onde está indo?

– Eu acho que você não precisa mais de mim. – Louise virou-se com um sorriso enviesado em seus lábios.

E, assim, num piscar de olhos, Julia não estava mais olhando para Louise, mas para si mesma. Louise aproximou-se de Julia. Seus olhos, agora azuis, miravam-na serenos. Os cabelos, castanhos e curtos, eram bagunçados pelo vento frio da manhã.

– Eu sempre estarei aqui – ela apontou para a cabeça de Julia – quando precisar.

Alforria

Taiane Maíra Kuntzler

Caminhando pelo longo túnel de tijolos pretos, enquanto os outros me julgam, mantenho meu rosto firme. Palavras em sussurros, ou mesmo em voz alta, são lançadas a mim pelos que estão acorrentados esperando sua hora. Alguns cospem, outros rosnam ou, até, olham-me com desejo – embora sejam bem poucos –, mas aprendi a não ligar. Desde que fui entregue às arenas, há sete anos, tive de me adaptar.

Ouço os gritos antes mesmo de ver quem os solta. Não são gritos que trazem felicidade; muito pelo contrário, são gritos de ódio, repulsa. Já estou acostumada com isso. As pessoas sempre agem dessa maneira com a minha raça. Quando saio do túnel, o público novato faz o de sempre: inspira e prende o ar ao me ver.

Apesar de ser a terceira cidade mais importante de Chama, o povo de Zammöe assusta-se com uma tiefling. Minha pele é de um vermelho quase negro, meus cabelos e olhos são negros. Meus chifres não favorecem minha aparência: começam no meio da minha testa, direcionando-se para fora. Alguns riem deles por serem curtos, ou comentam sobre, como se o seu tamanho representasse minha força. Mas ao verem minha cauda, logo se calam. Ela tem 1,50m de comprimento, maior que a maioria das caudas de fêmeas. É da mesma cor que minha pele, e os chifres, mais pretos que vermelhos.

Eu nunca sei com quem irei lutar, nem os espectadores sabem. Há três dias, os escravagistas se reuniram com o governante da cidade e sortearam as lutas. Talvez Cleber conte aos garotos, mas não a mim.

À minha direita, um guarda segura a corrente presa às argolas do meu pulso. Cleber é meu dono desde o dia em que atacaram minha aldeia e massacraram a maioria dos habitantes. Sobraram apenas crianças, que foram levadas e treinadas para as arenas. Cleber levou-me mesmo sendo uma tiefling, pois viu "força, persistência e poder" em mim.

Em um camarote reservado aos nobres e senhores de escravos, meu senhor está sentado a dois lances abaixo do governan-

te, depois dos guardas. Eu sei o que ele espera de mim, e ambos sabemos que eu serei melhor. Mesmo com certa dificuldade, venço todas as lutas. Mas quando eu olho para ele, vejo uma certa incerteza em seus olhos. Por que será que...

– O oponente deste meio demônio será Sarvynn, das Escamas!

Agora eu entendi a dúvida de Cleber, principalmente quando um meio orc surge do outro lado da arena. Ele está todo de armadura, embora formada por pedaços que, juntos, compõem uma coisa só, e carrega um poderoso machado de duas mãos – que leva com uma. Com certeza, ele é um ótimo lutador; todos que vêm das Escamas o são.

– Adeus, demônio! – diz o guarda, depois de soltar meus pulsos.

E ele não está errado. Se eu vencer, serei livre, pois o contrato diz isso. Se não, eu morro.

– Sarvynn, das Escamas, e Nisyvia, das Asas, preparem-se! Pego meu escudo de prata, fruto de uma luta, e minha espada longa, recém afiada.

– Comecem!

O meio orc corre em minha direção, com armadura, espada e escudo. Eu simplesmente espero, sei que ele estará cansado quando chegar. E acertei. Ele está arfando, quase espumando, mas não mais fraco. Seu primeiro golpe é direcionado à minha cabeça, óbviamente. Rapidamente, dou um passo para a direita e protejo minha esquerda com o escudo.

Mesmo de raspão, o impacto do machado é forte, mas eu não caio.

Enquanto ele se prepara, lentamente, para o próximo golpe, observo sua armadura.

Percebo que a única coisa que ele tem de Escamas é o nome. Cheia de buracos, rachaduras e ferrugem, sua armadura é inútil e apenas o atrasa. Vou mais para a direita, pois sou destra, e ataco sua caixa torácica, perfurando-a através de uma brecha da armadura.

Com um rugido, ele ataca pela esquerda, com a intenção de dividir-me ao meio. Uso o escudo novamente, mas ele é estilhaçado pela força do orc. Sou lançada a três metros de distância, caindo de costas na arena. Com a areia nas minhas costas e o sol no meu rosto, ambos quentes, mesmo coberto por tecidos

leves e pouca armadura, meu corpo pede por sombra e água fresca. O povo grita pela minha morte, mas não concederei esse desejo a eles.

Minha espada está a um metro da minha esquerda. Levanto, apesar da dor de uma possível fratura nas costelas, e corro para pegá-la. Sou péssima com essa arma – é pesada e me deixa lenta –, mas, se quero vencê-lo, preciso dar um jeito naquele machado. Ergo minha espada na hora certa, pois Sarvynn ataca-me pela esquerda novamente. Não caio, já que agora sei da força dele. Tanto o público quanto meu adversário espantam-se. A força não é minha, e, sim, da espada mágica cujo proprietário era um ladino que me desafiou e perdeu.

Com toda a sua força, ele me ataca em direção à cabeça. Salto para o lado e, sem que ele perceba a tempo de evitar, pois é muito lento, corto o cabo de seu machado. Solto a espada e pulo em suas costas, entrelaçando as pernas em seu pescoço, asfixiando-o. Pego a adaga de minha coxa esquerda e perfuro seu crânio, através de uma rachadura do capacete, com um só golpe.

Quando ele cai morto, o povo enlouquece, proferindo insultos direcionados a mim. Eu deveria ter feito a luta durar mais, mas não queria. O que eu sempre quis, desde que saquearam meu povoado, foi esse momento. Minha última luta nas arenas. Saqueio o corpo – por ser meu último dia, tenho esse direito. Encontro uma adaga com uma safira no cabo e três anéis – dois de prata e um de ouro.

Levanto, apesar da dor, e ando em direção ao camarote do governante. Um soldado falava com ele, mas agora está se retirando. Seria normal, se os guardas não estivessem preparando seus arcos e os apontando para mim. O povo urra de alegria, afinal eles me veriam morrer se as coisas seguissem desse jeito.

Meu coração acelera. Eles querem tirar a liberdade que eu acabei de conseguir!

Como eles ousam?! Mesmo que a raiva em mim cresça cada vez mais, eu não a demonstro. O governante começou um discurso qualquer, ao qual eu não presto atenção, pois preciso antever os movimentos dos guardas. O povo ri de algo que ele disse – o que me irrita mais, e uma garotinha de roupa preta joga um tomate em mim –, o que me enfurece.

– E então, o que você escolhe? – o governante, um senhor de meia idade, de barriga avantajada, talvez pelas bebidas, barba e cabelos loiros, interrompe meus pensamentos.

Então ele me dá uma escolha? Eu não ouvi os termos e nem ligo pra eles, afinal eu tenho um contrato. O público, os soldados, o governante, os escravagistas, todos estão em silêncio, esperando minha resposta.

– Liberdade – respondo sem exitar.

Uma explosão de risadas ocorre, com pessoas tossindo de tanto rir, debochando de minha escolha. Vê-se, de longe, que essas pessoas nunca tiveram sua liberdade roubada, seu corpo exposto ou a possibilidade de qualquer opção de escolha.

O comandante dá uma ordem e flechas são disparadas – cinco no total. Talvez seja uma estratégia ou um favor, mas os que me alvejam estão posicionados no alcance da minha visão. Começo a andar para trás, pegando a adaga, e desvio da flecha da extrema esquerda, mas não da que vem na sequência, pelo outro lado. A dor toma conta de onde ela entrou na coxa esquerda. Um formigamento horrível inicia-se, mas não sangra muito, o que é estranho, já que o ferimento é profundo. Não grito, mas não contenho as feições, alegrando o público com minha dor. Apesar dela, movo-me a tempo para a esquerda, sempre para a esquerda e para trás para evitar as da direita, e a flecha central erra o alvo. Minhas pernas estão bambas, estou nervosa e com um pouco de medo. *Preciso focar, preciso focar, preciso focar!* Acabei de ganhar a liberdade e já tentam me matar? A dor em minha coxa, que piorou, a raiva, a humilhação e a traição de Cleber, isso tudo está me enlouquecendo. Se eu não me concentrar, vou perder o controle e acabar morrendo. Respiro fundo e, por um instinto, ergo meu braço direito. Uma flecha está em minha mão no instante seguinte, e uso-a para derrubar a quinta e última.

Os guardas não recarregaram, então analiso a flecha enterrada em minha perna.

Definitivamente ela não é comum. A coxa inchou e, embora ainda não chegue a ser mortal, foi um belo estrago. Arranco-a num puxão e jogo-a de lado.

Ouço passos na areia, muito passos; giro e deparo-me com mais cinco guardas, dessa vez com espadas. *Traição*. Essa palavra não sai da minha cabeça e está me atrapalhando, acho. O pri-

meiro soldado ataca. Parece não ter mais de vinte anos. Cabelos loiros, lisos, mas sem brilho, capacete – novato –, tenta acertar minha lateral esquerda. *Cleber me traiu*. Bloqueio a investida com a adaga esquerda e corto sua mão com a direita. Ele cai de joelhos, bordando a areia com sangue, gritando e chorando. Então vem um trio, de capacete, espada longa e gritando. O povo também grita, mas pela minha morte. Pego a espada do loiro e paro o da direita; abaixo-me e corto – na altura da cintura – o do meio com a adaga.

Mas o da esquerda acerta minha cabeça com o punho da espada, e eu caio. Ouço risos.

Deboche. Levanto, tirando força de um lugar desconhecido, e acerto a nuca do que está no meio agora. Ele cai, mas eu também, pois alguém acertou meu ombro. *Traição*. O som do aço raspando no couro da bainha toma o ar. Não consigo ver nada, meus olhos estão cheios de areia e sangue que escorreu de minha cabeça. Então eles começam a me chutar. Risadas.

Raiva! Um chute acerta minha perna inchada; outro, meu abdômen; o seguinte, minhas costelas. Cigarras começam a cantar em minha cabeça, deixando-me surda. Um deles cospe.

Nojo! Colocam-me em pé e me dão socos no rosto para, depois, me jogarem no chão novamente. Sinto gosto de sangue na boca, é metálico, como se eu tivesse mordido uma moeda. Risadas. Deboche. Socos. *Raiva*. Cuspes. *Nojo*. *Cleber*. Os chutes aumentam de intensidade e minha raiva triplica. Xingamentos. Explosão.

Crônica

A porta (nem tão) emperrada do banheiro do ônibus

Aléxia Islabão dos Santos

Que as mães nos fazem passar por todo o tipo de constrangimento possível, desde o nosso nascimento, isso é básico. Acho que está incluído no contrato invisível de ser mãe. Naquela listinha de habilidades que elas recebem assim que dão à luz. Está lá, ao lado das habilidades de fazer chover sempre que o filho se recusar a levar um guarda-chuva ou de fazer nevar no verão do nordeste se ele não levar um "casaquinho". Lá consta a habilidade de constranger o filho sempre que surgir uma oportunidade. Então, seja lhe enchendo de beijos marcados de batom na frente dos coleguinhas da escola, lhe avisando para levar camisinha na frente da sua namorada, seja pedindo que você mostre para as amigas dela aquele furúnculo que apareceu em um local inusitado, elas sempre vão encontrar uma chance para um bom constrangimento.

Mas esses constrangimentos não se restringem somente às coisas que envolvem você. Às vezes elas apenas fazem coisas vergonhosas que, pelo fato de você estar junto, lhe afetam por tabela. Principalmente se você for adolescente, quando as ações constrangedoras das mães parecem elevadas à décima potência. Foi o que aconteceu comigo e com a minha mãe, no auge dos meus quinze anos de idade.

Estávamos viajando de ônibus para outra cidade. Sempre digo que existem dois tipos de pessoas que viajam de ônibus: aquelas que vão ao banheiro antes da viagem, porque têm medo de ficarem presas naqueles banheiros minúsculos e desconfortáveis (eu), e aquelas que só esperam o ônibus se mover do lugar para correr para o banheiro (minha mãe). Nesse dia, estávamos em um ônibus daqueles com letreiro na frente do corredor avisando se o banheiro está livre ou não. Eu estava viajando no meu melhor modo adolescente: fones nos ouvidos, olhar perdido na paisagem, nenhuma interação. Minha mãe, sentada ao meu lado, estava inquieta. Vi quando ela mexeu a boca para tentar falar

comigo, mas não a escutei de primeira. Tirei o fone apenas do ouvido mais próximo dela e murmurei um “hã” desinteressado.

– Eu vou no banheiro. – avisou, e já se levantou para sair.

Olhei para a frente. Em letras garrafais vermelhas, o letreiro indicava que o banheiro estava ocupado. Não dei importância. Minha mãe já estava se equilibrando dentro do ônibus em movimento, segurando num banco e noutro, indo em direção ao banheiro no final do corredor. Eu não teria como avisá-la. Ela deve ter visto. Só está indo até lá para ser a primeira a entrar no banheiro após ele desocupar. Voltei minha atenção para a paisagem lá fora.

Não demorou muito até que eu escutasse, mesmo apesar dos fones, o barulho vindo do fundo do corredor. Olho para trás e flagro minha mãe usando de toda a sua força para conseguir abrir a porta do banheiro, agarrada a ela com as duas mãos, e com as pernas um pouco afastadas uma da outra para manter o equilíbrio. Entre a porta e a parede, abre-se uma fresta grande o suficiente para que, contra a luz, eu consiga ver o que imagino ser o contorno do braço de alguém que, de dentro do banheiro, está puxando a porta de volta. Olho para a frente; o letreiro continua indicando que o banheiro está ocupado.

Olho para trás novamente. Minha mãe insiste em continuar aquele peculiar cabo de guerra com a porta do banheiro contra o seu primeiro ocupante. Ela aplica tanta força que a porta abre uma fresta de uns três dedos de distância, mas logo é puxada novamente. Nesse momento, todos os passageiros do ônibus já estão virados na direção dela, procurando compreender o que a levaria a tentar arrombar a porta do banheiro do ônibus. Tenho impulsos de voltar a me sentar para a frente e fingir que não a conheço, mas a vontade de descobrir como a situação vai terminar mantém minha atenção presa.

Imagino a pessoa do outro lado da porta, com as calças abaixadas, segurando com suas duas mãos a porta do banheiro na intenção de preservar o mínimo de dignidade que lhe resta e provavelmente incapaz de compreender qual motivo levaria alguém a tentar abrir aquela porta com tamanha violência. Até que finalmente uma mulher sentada próxima ao banheiro termina com o pequeno espetáculo de humor, que já atraía o olhar de todos os passageiros, ao avisar à minha mãe que o banheiro estava ocupado. Mais vermelha do que um pimentão, mas com

toda a dignidade que somente uma mãe é capaz de manter nessas horas, ela deixa a porta (e, consequentemente, o ocupante do banheiro) em paz e senta-se em um banco próximo para esperar a sua vez, como um passageiro normal o faria.

Desse dia em diante, só sei de três coisas: a primeira foi que minha mãe ficou furiosa comigo por não ter avisado que o banheiro estava ocupado; a segunda foi que ela aprendeu a verificar o letreiro da frente do corredor antes de ir ao banheiro; e a terceira foi que, ao viajar com minha mãe, eu nunca mais tive medo de ir ao banheiro do ônibus e a porta emperrar, porque eu sempre poderia contar com ela para arrombar a porta em caso de necessidade.

A facilidade não existe em nossos dicionários

Fernanda Matos de Oliveira

Uma vez ouvi dizer que era fácil ser mulher. A pessoa que me disse isso? Um homem. Se isso fosse hoje em dia, sem dúvida, teria lhe perguntado o que o fazia acreditar nisso. Na época, deixei de lado. O que ele considerava fácil? Provavelmente desconsiderava nossos medos diários, as cobranças, o olhar de julgamento acerca de nosso comportamento, as imposições acerca de nossos corpos. Muitos acham que nossa persuasão, força, persistência e coragem tornam nossas vidas mais simples. Contudo, mal sabem eles que essas características advêm dos empecilhos que encontramos diariamente. Persuasão para que sejamos ouvidas e respeitadas; força para lutarmos contra quem tentar nos tirar a vida; persistência para não desistir de alcançar nossas metas; e coragem para que o medo não nos paralise.

Que fique claro que não odiamos homens, nem flores. Amamos buquês e gostaríamos de viver em harmonia com o sexo masculino. Mas é difícil. Já se foram muitas que nos provaram que o inimigo, muitas vezes, dorme ao nosso lado, leva-nos para jantar, presenteia-nos com rosas, mas depois nos mata. Alguns nos matam e choram em nossos velórios, afinal arrepender-se é normal, não é mesmo? E, também, algumas de nós merecem. Somos irritantes e homens perdem a paciência com facilidade.

Fernando Pessoa dizia que não conhecia quem tivesse tomado porrada, mas infelizmente todas nós conhecemos alguma que já tomou porrada. E não apenas pelo noticiário: muitas são nossas familiares, amigas, colegas de faculdade, vizinhas. Independentemente de nossa classe social, escolaridade, cor, peso, altura, todas estamos sujeitas a levar pancadas das mais variadas formas – algumas ferem nossa alma; outras também deixam lesões em nossos corpos. Nossos algozes estão por toda parte. Eles são nossos colegas de faculdade, que têm acesso à saúde, educação de qualidade, cultura. Mas também podem ser periféricos, marginalizados, oprimidos por esta sociedade ines-

crupulosa. Não existe perfil; existe a permanente ideia de nossa inferioridade – e ela percorre o mundo.

Em março recordam-se de nós; em outubro, preocupam-se com nossa saúde, mas, durante o ano inteiro, abusam de nós, julgam-nos e limitam-nos. No mercado de trabalho, questionam sobre maternidade, ao invés de analisarem a experiência. Nas maternidades, violam as escolhas individuais e induzem partos, ao invés de humanizá-los. Nas escolas, ensinam-nos sobre autonomia, mas ignoram nossas reclamações. Em cargos públicos, cobram-nos demonstrações de rigidez, mas, quando o fazemos, acusam-nos de histeria. Em filmes e novelas retratam-nos como objetos de desejo ou como inimigas de outras mulheres. A visão sobre o feminino sempre provém do olhar masculino, como se não fôssemos autossuficientes para nos definir. Dessa forma, calam-nos, seja pela indiferença, seja por acusações, e nossos argumentos sempre são invalidados.

Talvez, alguns séculos atrás, estaríamos em fogueiras, mas hoje estamos onde quisermos. Temos, em nossos *lattes* muitas titulações; somos competentes nas mais diversas áreas; dirigimos com destreza, da mesma forma que podemos ser engenhosas em tarefas domésticas. Tornamo-nos o que desejamos, entretanto ainda com medo das condenações que possam surgir, pois as atribulações fazem parte da nossa vida, enquanto que a facilidade não tem sentido para nós, não sendo quase usada em nosso vocabulário. A única facilidade que temos é a de não sermos fraquejadas.

O velório do carequinha

Marcos Junior dos Santos Silveira Tramontini

Aos oito anos de idade não se tem muitas dúvidas filosóficas, mas questões básicas da filosofia, do tipo “de onde viemos?”, “para onde vamos?” e “qual é o sentido da vida?”, não demoram a aparecer, geralmente, quando estamos aborrecidos.

Estranho é que a resposta a tais perguntas não aparece, por mais que se procure por elas. Intrigante mesmo é saber que aos vinte, aos trinta, e que, provavelmente, por toda a nossa vida, elas permanecerão indecifráveis.

Eu costumava ser a sombra do meu pai, que, como sempre, ia ao Boteco do Bigode tomar o seu relaxante muscular diário. Lá, sempre encontrava o Zico, o João-mecânico, o Lagarto, e outras parcerias – Unidos pela Cachaça. Além, é claro, do protagonista desta história: o Carequinha.

Nunca soube das origens do Carequinha. Pelo que falavam, era um pobre coitado, sem eira nem beira, que vagava, dia após o outro, sem nenhuma projeção. Homem de poucos gestos e poucas palavras, sem nenhum tostão, mas com grande disposição para beber até apagar. Talvez porque quisesse esquecer algo. Talvez porque quisesse esquecer alguém. Possivelmente as duas coisas. O fato é que ninguém nunca se importou muito com isso.

Não havia muita variação no cotidiano da minha terra.

O sol se punha e a noite caía sobre as ruas do vilarejo. No boteco, não demorava a aparecer alguém que oferecesse um trago, cortesia, ao Carequinha, sob a condição de que este fosse bebido de guti guti. Ele sempre aceitava a oferta. Bebia um, dois, três, quatro tragos... Então, era só aguardar uns quinze minutos para ele apagar e, assim, começar o seu velório de cada dia.

Um lençol branco era posto sobre a mesa de sinuca que ficava em uma grande área coberta, situada à frente do boteco, depois colocavam-se o “corpo”, outro lençol branco, flores avulsas colhidas no mato, uma coroa de flores artificial e muitas velas acesas, de modo que, apagadas as lâmpadas da área, a iluminação à luz de velas desse um clima bem mais pitoresco à cena.

Ao som do pandeiro do Zico e da viola de outro sujeito estranho qualquer, os bêbados bebiam e cantarolavam em volta da mesa, como que em homenagem ao “falecido”.

As pessoas que passavam impressionavam-se, e, sempre que alguém se aproximava, o João-mecânico jogava-se de joelhos ao lado do “difa”, e desmanchando em choro e lágrimas e súplicas de “não nos deixe”.

Qualquer um que entrava, perguntava:

– O que houve?

Qualquer um que respondia, dizia:

– Infarto! Enfartou...

Qualquer um se comovia. Tudo era tão real!

Até que o Carequinha começava a dar sinais de vida, e tudo era recolhido às pressas e guardado para o dia seguinte, sem que o “ressuscitado” tivesse consciência do ocorrido, sentindo apenas como se houvesse descansado por algumas horas. Tendo acordado, ia embora.

Essa brincadeira repetiu-se por meses e, durante todo esse tempo, a morte me pareceu muito engraçada. Até que certo dia, vindo da escola, avistei uma pequena multidão de curiosos, aglomerados à beira de uma vala de estrada, na qual diziam ter um homem morto. Fui até a margem para ver se o conhecia: foi quando avistei o mais famoso finado da minha infância: o Carequinha.

Fiquei ali, diante do corpo, por um longo tempo. Curtindo aquele momento. Parecia uma grande festa, com muito mais pessoas do que normalmente costumava ter no Boteco do Bigode. O corpo permaneceu imóvel por mais tempo do que o de costume e seu rosto estava pálido.

Começou a anoitecer, as pessoas começaram a ir embora e o Carequinha não mais ressuscitou. Foi quando eu percebi que havia acabado a brincadeira. Foi a primeira vez em que eu vi a morte de perto.

Nunca descobri o sentido da vida, embora tenha aprendido de imediato que os homens brincam com a morte, mas que a morte não brinca em serviço.

Naquela noite, meu pai e seus amigos se encontraram no Boteco do Bigode. Ninguém foi ao velório. E foi a única vez em que eu vi um grupo de bêbados céticos rezarem de mãos dadas.

Quem diria que água de coco poderia ensinar a evoluir?

Eduarda de Almeida Ulrich

Quando te disserem que não vai ser de primeira que tu vais conseguir fazer alguma coisa, mas que, mesmo sem o sucesso que tu esperas ter, vai aprender algo, acredita. Sério, é a mais pura verdade!

Era uma noite de domingo, uma das últimas do verão. Já tinha comprado um coco fazia um tempo, pois descobri que gosto bastante da água dessa fruta. Estava fazendo algo para a escola quando lembrei dele guardado na geladeira e resolvi que aquela era a noite certa para bebê-lo. Levantei da cadeira, caminhei até a cozinha, abri a geladeira e peguei-o, levando-o até a pia. Abri a gaveta, peguei uma faca e comecei a cortá-lo. Até que consegui fazer isso rápido, considerando que era minha primeira vez lidando com um coco.

Depois de abrir um lugar para tirar a água, deixei-o na pia e fui pegar um copo. No momento em que o larguei, ele caiu e derramou um pouco da água. "Puts!", pensei alto. Mas ok, até aí tudo bem. Foi só um pouquinho. Resolvi, por precaução, o segurá-lo enquanto alcançava o copo. Feito isso, derramei a água em um daqueles copos maiores com canudo, sabe? Foi o coco inteiro ali. Larguei a fruta e fui pegar um pano para secar aquela lambança que tinha feito. Sequei o chão e, quando fui secar a pia, não é que o copo cai e, junto com ele, mais da metade da água de coco escoa no ralo? Aquilo me causou uma irritação sem tamanho: esperando beber um copo de água de coco, acabei por beber apenas um quarto dele.

Não somos feitos de primeiras vezes? Pois é! Por isso, concluí que, lidando sozinha, pela primeira vez, com um coco, não foi tão ruim assim. Perdi grande parte da água dele? Perdi. irritei-me? Sim – e muito! Mas será que eu não aprendi com esse episódio novo na minha vida? Com certeza.

Aprendi que quebrei mais um obstáculo na minha vida: quem sabe, no futuro, eu não tenha de passar por isso?

Aprendi que somos tão gananciosos que esperamos o sucesso de primeira, sem querer fazer muito esforço.

Aprendi que as primeiras vezes existem para nos mostrarem que temos força para melhorar.

Aprendi que elas estão ali para nos ensinar a crescer e concluir as etapas pelas quais nunca esperamos ter de passar.

Aprendi que sucesso é sinônimo de esforço – e que, a cada nova conquista, estamos cada vez mais perto dele.

Pastéis que eliminam rugas

Pamela Maria da Silva

Olho para ela, sentada na cozinha, dobrando cuidadosamente a massa de pastel que tem em mãos. Ela sorri e me pergunta como está indo a nova escola.

Animadamente conto-lhe os detalhes da minha primeira semana de aula, enquanto seus olhos brilham, dizendo-me silenciosamente o quanto se orgulha de mim.

Seu rosto já carrega rugas na testa e no canto dos olhos. Acredito que eu tenha causado grande parte delas. Quando perguntei sobre isso, ela me disse que as rugas são suas companheiras e que o único jeito de eliminá-las era com pastéis.

Foi aí que nasceu nossa tradição. Quando atingi altura suficiente para alcançar a mesa, pela primeira vez, ajudei a fechar os salgados. “Fritá-los só quando for mais velha”, ela dizia. Ter conquistado a honra de fechar os pastéis foi uma das maiores alegrias da minha vida – finalmente eu era uma menina crescida!

Lembro-me de sua voz irritada, dizendo para fechar as portas dos quartos, pois o cheiro de fritura a incomodava. Eu, ao contrário, gostava bastante, pois o aroma mantinha registradas, por mais algumas horas, as lembranças da alegria e do amor que sentíamos uma pela outra. Gravava, na minha roupa e nos meus cabelos esse momento só nosso.

O pastel raramente era recheado com algo além de guisado; no entanto, nem uma vez sequer faltou o toque especial. Aliás, nunca descobri o que era que dava aquele sabor ímpar aos pastéis. Pensei que fosse a cebola colhida da horta ou até mesmo a quantidade de sal que eu nunca conseguia acertar. Ela me disse, um dia, que eu era o diferencial do pastel, que minha presença trazia toda a magia. Na época, não entendi.

Só depois de anos fui perceber que, na verdade, não eram os pastéis que eliminavam as rugas; éramos nós, que fazíamos todo o processo de preparação contando histórias. Juntas. Eram

nossas mãos que deixavam a massa crocante e nossa gargalhada que temperava o recheio de um jeitinho único.

Observo seus olhos brilhando com as lágrimas que ela falha em esconder. E nessa tarde chuvosa de domingo, ela chora tanto quanto as nuvens lá fora, pois percebe que o tempo bateu em sua porta e levou para longe a menininha que ficava na ponta dos pés para alcançar a mesa.

Aproximo-me da panela e reconheço o mesmo cheiro de sempre da cozinha, o mesmo perfume que ela usa desde o meu nascimento. E mesmo sem provar, sinto o sabor dos pastéis na ponta da minha língua. Tudo é tão familiar pra mim, porém uma coisa mudou. Um pequeno fato que diz muito sobre a história da menina e da mulher: agora, quem frita os pastéis sou eu.

Minha bolha torpe

Pedro Demarco Gomes

Toda a base sólida do meu convívio familiar consiste no seguinte: muita dor exaurida, diariamente, por meios errôneos. Penso que minha dinda e minha mãe, vítimas dos preconceitos infundados de sua geração, nunca tiveram o desejo de fazer terapia agarradas a essas questões de época. Em devaneios, dialogávamos sobre a possibilidade de que a fizessem, mas ambas negavam, muito convictas quanto a sua saúde mental. E, então, eu, consciente de que o cérebro é uma peça instável ruindo à loucura iminente, impulsiono-me à terapia, sabendo que muitos dos problemas que o meu cérebro cria têm fundamentos que fogem do meu controle, sendo, muitos deles, hormonais, neurológicos, fisiológicos, entre outros. E isso me ajuda a alavancar-me desse mundo frio e mórbido, onde os seres humanos atiram-se todos os dias, nessas ruas em busca de conforto econômico, atrás de trabalhos que odeiam, simplesmente impulsionados pelo consumismo que promete dar sentido à vida de qualquer imbecil. Para mim, o único consumismo realmente necessário é o das narrativas. Tanto as inauguradas por mim mesmo, quanto por outros autores, como Bukowski, Cioran, Schopenhauer, Nietzsche, Camus, Dostoiévski; por outros, ainda, que ajudem a amaciar esse vazio existencial que perdura dentro do meu peito.

Eu gosto de entender a vida através da arte. Algum cientista, de cujo nome não me lembro, disse uma vez, em seu discurso, que a ciência e a filosofia tornam-se arte, todavia, interdependendo da entrega do cientista ou filósofo. Afinal, você as torna essenciais para a vida, assim como a arte, como um determinismo de vida, como uma filosofia de existência, ou qualquer outro nome que se queira atribuir. Eu gosto de ignorar a realidade doentia e sombria que o meu ciclo familiar cria através desses mesmos aparatos, e isso funciona muito bem para mim. Pode não parecer, mas, dentro dessas linhas, eu me perco. Como se estivesse sob efeito de drogas psicodélicas, eu posso dar vida a personagens inanimados, posso viajar para lugares inimagináveis, posso sentir dor, posso sentir alegria, posso fingir felicida-

de, posso me entregar a essas linhas. Aqui, eu sou onipotente. Eu posso tudo.

Nesse mundo sem limites e sem fronteiras, eu renego a infantilidade e o ódio que a minha mãe, por algum motivo que eu desconheço, nutre por mim. Meu único crime foi algo com o qual não consenti, e a culpa não é minha. Eu não me lembro de ter pedido para fecundar enquanto passeava pra lá e pra cá nos testículos do meu pai. Talvez, por estar muito sobrecarregado pelo pouco espaço que compartilhava com outros coirmãos preexistentes, isso pudesse me parecer um futuro melhor, mas não sei dizer, ainda, se foi uma boa escolha.

Eu não me considero um Übermensch – muito provavelmente pela minha jovialidade e por meu pouco conhecimento do mundo externo a este quarto escuro – porém considero-me, sim, a ovelha que pulou a cerca, muito ciente de que o rebanho é estúpido, insensato e irracional. Eu, como Camus, considero-me um niilista apaixonado pela vida. Ou, como diria Cioran: "não sou pessimista, amo esse mundo horrível". Mas é a verdade. Já me senti ameaçado e invadido pela existência, mas hoje reconheço a perda de tempo que foi aquela rebeldia contra a vida. Hoje eu convivo de forma salubre com os pensamentos de natureza pessimista que de mim se acercam durante o dia, e os alimento para que tenhamos uma relação saudável. Ofereço-lhes álcool, café, maconha, sentimentos, músicas, apegos, livros, filmes, fotografias e outras formas de suportar a existência – assim mantemos uma relação amistosa. Alguns diriam que isso é como dar os restos para o monstro que mora debaixo da cama, e eu não negaria isso. Mas tem lá as suas utilidades. Eu posso muito bem usar o monstro para apavorar meus familiares apegados a suas crenças, crenças, essas, que nego sem pensar.

Sou incapaz de crer em algo que preceda o fisicalismo. Penso que todos os confortos exorbitantes que criamos, servem para suprir desejos e vontade que somos incapazes de suprir com as ferramentas que o mundo nos dá. Eu, por exemplo, durante muito tempo da minha vida, cri na existência de um deus apenas para provar para mim mesmo que eu voltaria a ver o meu pai, ou que o mesmo ocorreria em relação a meus amigos, caso abandonassem a barca algum dia.

Em dias como este, eu gosto de me sentar sem compromissos, fazer um litro de café, beber moderadamente, ouvir músi-

cas que me equalizem com a essência do eu em sua mais pura forma e simplesmente deixar fluir tudo o que está reprimido no meu corpo, que se encontrou enclausurado no cerne do meu pensamento durante as semanas tediosas que sucederam tudo o que está acontecendo neste exato momento: 15h56 do dia 17 de outubro de 2019. E anseio por não estar sozinho. Estamos vivendo a era da explosão dos sentimentos retratados fora do mundo inteligível, sejam eles expostos por meio de quadros, livros, televisões, palcos de teatro ou instrumentos musicais. Eles estão sendo expostos, e somente isso importa. Nossa geração será, possivelmente, uma das mais autossuficientes já existentes, mas também uma das mais niilistas. Nós sofremos muito, mas também regredimos o dobro nas engrenagens. Aceitamos que a melancolia nos atravesse e, até mesmo, romantizamos isso, colocando-nos mais para baixo ainda. Nós escoamos pelas tubulações da tristeza e, em vez de aceitar o destino, segura-mo-nos às paredes deste cilindro despressurizado, sofrendo por antecedência e, mesmo assim, não anulando o sofrimento que, querendo ou não, revelar-se-á no final. Eu visualizo a existência como essa queda dura ao chão que não pode ser evitada, mas espero que dela possamos arrancar o essencial: a arte, o amor, a amizade e tudo aquilo que deste rio doce nos embebe.

Resumidamente, não vejo por que sou tratado da forma como sou tratado. Nós todos, no fim, sucumbiremos à aleatoriedade do universo, e não vejo por que desperdiçar a existência com sentimentos odiosos, sem razão aparente, muito menos com aspirações que sucedem o solo material. Se me pedirem um conselho, eu direi: aproveitem ao máximo aqueles dias em que nós prestamos atenção ao som da chuva batendo na janela, aqueles dias em que visualizamos as ondas do mar colidirem umas com as outras, aqueles dias em que gastamos saliva, suor e tesão nas núpcias e, sobretudo, aproveitem a existência da forma que lhes for salubre. A vida é uma linha de trem, e a linha final é rumo ao abismo. Assim, nu e cru. Inevitável e limitado. Foi-nos ensinado que a existência é mais do que nascer e morrer, mas, sinto lhes dizer: não o é.

Monstro marinho

Mariana Cé Rossoni da Conceição

Meus olhos, duas jades escuras, brilham em meio aos fios negros de petróleo. Tudo gruda, e sinto uma agonia imensa, como se minhas juntas fossem paralisar. O mar está longe, o mar não é mais mar, é óleo. Não há para onde nadar.

Ondas de nostalgia me percorrem... Horas antes, eu me encontrava no oceano comendo algas apetitosas. A água estava límpida, o sol brilhava e iluminava o ambiente aquático. Era uma euforia, pois todas nós – eu e minhas parceiras – nos dirigíamos ao litoral para completar mais um estágio de nossas vidas. Lenta, mas animadamente, eu nadava, ansiando para depositar meus filhotes, minhas crias, dentro de um fofo buraco de areia. Claro, seria difícil me separar deles após isso, porém os fortes sobreviveriam, assim como eu um dia havia sobrevivido.

Afastei-me do grupo para melhor apreciar a viagem, notando alguns pontos pretos em meio ao ambiente azul-esverdeado, rodeado de algas e peixes. Meu instinto mandou-me ficar longe, e eu sabia que, naquele momento, um desastre estava para acontecer. O monstro fatal estava prestes a nos atacar, aquele cuja única função é acabar com toda a espécie que cruza com ele. Ele pode entrar dentro de seu corpo, fingindo-se de comida. Ele pode lhe prender pelas nadadeiras, impedindo-lhe de escapar e deformando seu casco. E ele também pode lhe sufocar, matando-o sem piedade. Essa criatura é temida mar adentro também; mas nós, seres da superfície, somos os que mais convivem com ela, ou melhor, os que mais morrem pelos seus ataques.

Pensando nisso, assustada, virei-me para avisar minhas companheiras, quando dei de cara com uma alga negra. Ela flutuava na água cristalina, contrastando com as bolhas e os animais coloridos do fundo. Espanto e interesse mandaram choques elétricos pelos meus nervos, fazendo-me entrar em uma espécie de transe. De repente, o casco parecia pesado e difícil de carregar. Senti uma gota escorrendo pelo meu pescoço, deixando uma mancha preta por cima do verde claro. Gelei. O monstro já tinha me encontrado. Estava no meu casco, estava em meu corpo, estava se preparando para me sufocar.

Gritei, mandando um sinal de fuga para as outras. O sol havia sido tapado, e todo o mar começava a se entregar ao vazio escuro. Sem luz, sem caminho, tentei me desvencilhar da escuridão tenebrosa, nadando em direção aos últimos resquícios de claridade. A mancha obscura cobria a superfície, bloqueando a entrada e saída, bloqueando o oxigênio de que eu precisava para respirar. Consegui vislumbrar alguns cascos e entendi o porquê de tudo estar tão pesado: o monstro estava em cima deles assim como estava sobre o meu. Nadando desesperadamente, consegui chegar à parte clara. O exterior parecia longe, mas juntei minhas forças e lancei-me para fora do mar, sentindo o ar que tanto almejava respirar. Com um longo suspiro, achei que havíamos escapado, todas. Aticei os ouvidos e meu coração apertou; o lamuriar e choro de minhas companheiras distantes quase me fizeram lacrimar também. Provavelmente, a maioria delas ainda estava perdida naquele labirinto sombrio.

Aflita, continuei a nadar mais rápido ainda, porém em minha ansiedade não avistei uma onda, que me pegou e arremessou meu corpo de volta ao escuro, de volta ao pesadelo. Dessa vez, o monstro tapou meus olhos e minha cabeça, tonteando-me e cegando-me por completo. Em alguns segundos, não era mais possível mexer as nadadeiras, elas estavam oleosas e pegajosas, como se minhas escamas tivessem virado gelatina. Meu rabo também não mais se movia. Deixei-me levar pela correnteza, completamente dominada, até que senti algo me puxar violentamente para a superfície.

Agora encontro-me aqui. Seres humanos me rodeiam, me tocam, me machucam, mas também retiram as manchas e aos poucos, me libertam. Não sei se será suficiente. Minha visão está turva e a areia está poluída e enegrecida. Não sinto meus músculos; não posso desviar dos dedos que percorrem meu casco. Minhas pálpebras pesam por causa do óleo; apenas encaro por alguns instantes os flashes de luz e, então, apago, consciente da morte que me rodeia – A de minha espécie e a de meus filhotes, que nunca repousarão no buraco que sonhei em cavar para eles.

Mais um dia

Natália Uriarte Fauro

Mais um dia, monótono e cotidiano; deixo-o seguir no piloto automático. Dessa maneira, acordo, levanto da cama, pego minha mochila e vou para o metrô. No vagão, mochila colada ao corpo, olhar atento; fico totalmente ligada a mãos bobas e comentários nojentos. Infelizmente, eles já fazem parte do meu cotidiano e do cotidiano de 99, 9% das mulheres em todo o mundo. É a famosa sociedade machista, que tantos ainda fazem questão de negar e fingir que não existe, que não afeta todas as mulheres e sua vida. Enquanto o trem segue seu caminho, minha mente também segue com suas reflexões diárias. Transita do machismo para a homofobia, para o racismo, para as desigualdades sociais presentes em nosso país. Porém, também me detenho em questões superficiais e simples: se irá chover, se alguma coisa nova finalmente vai acontecer no meu dia.

Minha estação apresenta-se à frente. Meus devaneios são interrompidos. Começo a caminhar em direção às portas, que se abrem. Saio, não sem antes escutar um assobio.

Sempre a mesma coisa – só queria poder dar um murro na cara do babaca da vez. Porém, apenas sigo em frente, ignorando o assobio. Tenho ainda algumas quadras para percorrer antes de chegar na escola, e o caminho não é algo que me agrada. Vejo meninos e meninas, crianças ainda, vendendo doces no semáforo; outros, num beco, usando drogas – as desigualdades sociais enraizadas em cada canto da cidade.

Finalmente chego no colégio e entro rapidamente. É segunda-feira, por isso muitas das carteiras da sala estão vazias. Alunos ainda de ressaca do fim de semana. Minha professora começa a aula e a manhã passa sem que eu perceba. Almoço minha marmita nos bancos da escola e vou para o trabalho. Sou jovem aprendiz em uma editora: edito textos, organizo a papelada e, nos tempos livres, escrevo haikais. Essa é a melhor parte do meu dia, pois o pessoal da editora é dedicado e me trata como se eu fosse da família. Não é como na escola, em que os professores fazem o possível com os recursos escassos disponibilizados pelo Estado, e os alunos, ainda, não prestam atenção.

Na editora, tudo funciona de forma exata, como um relógio, de modo que qualquer engano ou atraso é devidamente corrigido.

Meu horário de expediente acaba e percorro meu caminho de volta para casa.

Quando chego, encontro minha mãe dormindo no sofá, após mais um dia de trabalho na fábrica. Ela é tão forte e determinada, meu exemplo de vida. Meu pai foi embora pouco tempo depois do meu nascimento; aparentemente, família não era o que ele queria. Eu ficaria menos revoltada se ele ao menos cumprisse com suas obrigações judiciais enquanto pai, ajudando financeiramente no meu sustento. Meu irmão mais velho morreu há dois anos, quando voltava do trabalho e levou um tiro – bala perdida do tiroteio entre policiais e traficantes. Dessa maneira, somos apenas eu e minha mãe, por nossa própria conta para conseguir levar uma vida digna e confortável.

Tomo um banho, janto e vou estudar redação para o ENEM. O sonho de cursar Letras numa boa faculdade federal permanece vivo em minha mente e esperando para se concretizar. Estudo e vou dormir, finalizando mais um dia. Minha mente permanece a mil: tantos pensamentos giram e se repetem: dúvidas sobre o futuro, sobre os estudos e o trabalho. Inconformação e raiva quando o rosto de meu pai aparece em meio a todas as outras ideias. Porém, não tenho tempo para tantas lamentações e dúvidas. Amanhã um novo dia recomeça, e terei novas tarefas para cumprir. Amanhã será mais um dia, mais uma oportunidade para avançar na realização dos meus sonhos e alcançar meus objetivos; mais um dia para viver como se fosse o último.

Reflexo

Elen Matos Feliciano

Mais um dia em que o sol bate em minha janela, fazendo-me despertar. Mais uma semana inicia-se e, novamente, a rotina de sempre. Levanto da cama com meu acessório diário, o desânimo. Às vezes acho que perdi o encanto pela vida. Levanto, coloco minha calça com a barra dobrada e *all star* branco, tudo na tentativa de me achar atraente. Olho o relógio e percebo que estou atrasada. Saio correndo sem nem olhar meu reflexo no espelho.

Ao sair pela rua, uma neblina rodeia-me. Sinto um pouco de medo, mas nada com que eu não esteja acostumada. Entro no ônibus e coloco meus fones de ouvido com a intenção de dormir, pelo menos um pouco, antes da aula. Passo alguns minutos pulando de música em música, até decidir colocar em ordem aleatória e não prestar atenção em nenhuma.

Após um longo dia de estudos, trabalho e contato com inúmeras pessoas, chego em casa – e esta é a pior parte. Entro no meu quarto e paro em frente ao espelho. Espelho, espelho meu... Ali, fico por um longo tempo. Vejo novamente um reflexo que não se parece comigo, mas tenho um sentimento estranho.

Nesse espelho, vejo uma mulher morena, alta, com roupa branca e azul, nem um pouco semelhante a mim. Mulher, essa com quem tento me parecer há anos. A busca diária por alguma forma de me parecer com ela e, talvez, receber uma resposta, tem sido frustrante.

Decido me arrumar para dormir, até porque o dia foi longo e cansativo. Deito-me e não levo muito tempo até adormecer. Logo, começo a sonhar a mesma coisa de sempre: uma sala com paredes brancas e um grande espelho em minha frente. Não sei o porquê, mas hoje o sonho parece muito mais real do que o foi em todos os outros dias. Além disso, a mulher do reflexo chamou-me – coisa que nunca ocorreu.

– Ei moça! Venha comigo. – diz com uma voz suave.

– Oi? Você realmente está conversando comigo? Como irei entrar aí contigo? – falo, incrédula quanto a tudo que está acontecendo.

– Me dê sua mão! Vou te mostrar tudo aquilo que me perguntas há anos.

Estendo a mão e sou puxada para dentro daquele espelho. Agora, as paredes são pretas e uma neblina no chão cobre meus pés. Andamos por alguns metros e vejo mais espelhos pela parede.

Nos reflexos, mulheres tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão iguais a mim. Cabelos, roupas e diplomas distintos, todas com lágrimas no rosto.

– Quem são essas? – pergunto com medo da resposta.

– São diferentes versões de você, cada uma seguiu um caminho. Você é responsável por quem irá se tornar.

Olho novamente todos os reflexos. Não me reconheço em nenhuma daquelas mulheres. Como posso ter tantas versões e não me encontrar em nenhuma?

De repente, a mulher que segurava minha mão para e começa a me observar. Sinto-me incomodada com seu olhar de julgamento. Não leva muito tempo até ela começar a falar sobre alguns de meus defeitos, fazendo-me sentir vergonha.

Todos aqueles defeitos sussurrados ao meu ouvido entravam como facas em meu peito. Tento não ligar, mas cada vez ecoam mais alto dentro de mim. Decido soltar a mão da mulher. Instantaneamente sua voz se cala. Todos os outros espelhos quebram-se, sobrando apenas aquele pelo qual entrei.

Mais um dia e o sol bate em minha janela fazendo-me despertar. Levanto da cama com meu acessório diá rio, o desânimo. Não. Hoje o desânimo ficará guardado em casa. Às vezes acho que perdi o encanto pela vida, mas tento ver as coisas mais belas que me rodeiam.

Coloco minha calça com a barra dobrada e *all star* branco. .Sinto-me a mulher mais atraente do mundo.

Sui

Jucenil L. M. Faria

A terra do Ego bom estava coberta de ouro em pó quando plantei meus pés ali. Era uma cidade de boneca em seu interior e, esquecida em vossas extremidades, logo fiz jeito de estar o mais próximo possível de seu interior. Aqui se anda a passos largos, claro; você tem três décadas para ser, ou nasce sendo. Aqui aprendi que, para cada filho, há uma herança, o que me faz questionar qual a minha, já que me parece ser apenas a ansiedade, algo dado por meu pai.

Bem, um dia, uma dessas ciganas contemporâneas me disse que a gente carrega correntes passadas de geração em geração por nossos entes; desenvolve-mos então, hipertensão, diabetes, colesterol, apenas para sentir-nos pertencentes à família. Achei gozado, mas não dei bola.

De volta a Ego, sentia-me pertencente. Aqui sempre me perguntam de onde sou. Peço que adivinhem. Sempre dizem: "do Maranhão"; "Lá de cima", "do Nordeste". Logo suponho, em minha mente, haver o entendimento de que há o sul e de que, lá em cima, só se tem Nordeste, sendo que este se constitui apenas em Maranhão, salvo Rio de Janeiro, São Paulo e Acre – o segundo por ser o centro econômico do país; o primeiro por seu famigerado carnaval, suas praias, sua violência e suas “mulatas exportação”; o último por figurar nas velhas piadas como localidade geográfica fantasma. Engraçado que, em minha terra, também se tem o costume de chamar os forasteiros de maranhenses. Assim me pergunto o que tem esse abençoado Maranhão para ser tão popular, além, é claro, de Ferreira Gullar. Tudo isso me leva a uma segunda suposição, que é a seguinte: a menos que Lá em Cima refira-se ao céu, talvez eu possa ser um anjo maranhense e, por isso, nordestino.

Já não andava com meu passo, já não me via no espelho. Minhas memórias flutuavam em uma nuvem de fumaça. Eu era Ego, ainda sou. Em casa, lá no interior, aprendi apenas a temer meu pai; agora não consigo ter medo de quem mete medo. Ego me ensina todos os dias; quando não posso agradecer, dou um

sorriso amarelo e passo. Este ano perdi dois amigos que não suportaram Ego, dois maranhenses que foram lá pra cima, no Nordeste. Eu não, eu fico, eu nasci para este tal de Ego.

Ego fez com que eu me encontrasse; Ego fez com que eu me valorizasse. Mesmo com seus velhos entorpecentes, Ego fez com que eu olhasse com atenção.

Ego cegou-me por um tempo para depois me conceder a visão que nunca tive.

Ego surra-me para que eu me cure no caminho – mamãe agradeceria Ego depois de questionar-me sobre as bitucas no chão.

Ego modela-me, mas não me justifica diante dos desatentos.

Ego, logo mais darei pé de você, mas você sempre estará em mim.

Ego briga sempre com a culpa católica que paira sobre mim, culpa que ainda me salva, culpa que lhes salva.

Um dia Ego ganhará a luta, e nem a culpa católica colocar--me-á limite.

Haikai

O artista é
um viajante atípico,
vai a outros mundos.

Laura Rodrigues da Silva Viegas

Ao abrir das asas
O pássaro partirá –
Cesso as minhas lágrimas.

Amanda Souza dos Santos

Ônibus, manhã
Reflexo e barulho
Preto furado no chão

Lucas Schlindwein

A tempestade da noite
Desperta o sol
Eu sozinho no quarto

Adriano Kempf

“quem cala consente”
no instante assustada
– não, absolutamente.

Luiza Bedin Gajardo

Eu olhava a tormenta
Pela janela quebrada
O frio da noite

Sara Marinho da Silva

A chuva rega a primavera
E você, alma
Para florescer

Fernanda Heinzmann Bohn

O vento soprando
As janelas batendo
É noite de julgamento

Thiago Wiliam Alves Kleemann

Olhos de fogo
E cabelos ao vento
Será a paz ou um tormento?

Gabriel Auler

Sentimentos modernos

Ela bloqueou e excluiu
Tentou arquivar
Mas o coração curtiu

Fernanda Matos de Oliveira

Poema

Mergulho da morte

Natália Bernardo Nunes

Vento que banha as águas,
águas que estraçalham o corpo...
Corpo que não quer perdão.
Lagoa que afoga a vida
e liberta meu coração.

Como lamento ser o casulo
ser vista como abrigo de um fruto
resultado de dor e poder
como pude ser tão tola
o “amor” é um poço sem fundo!
Bem que mamãe me disse...

Um dia... Menina!
Dois braços, duas pernas, um vestido colorido
e flores no cabelo!
Soltar notas de melodia,
dançar cirandas noite e dia!

Mas o maldito do vento
que derrama sangue pelo ventre
e me faz despir-me de tudo!
Dispo-me dos sapatos, das roupas, dos penteados,
dispo-me até da minha doce voz...
Me calo e me condeno
ao ciúme obsceno de um olhar, denso e profundo,
de quem me mostra o azar feminino
quando existe um homem sortudo.

Suprema onipotência,
não escutas minhas preces?
O que fiz para merecer
uma vida que me condena

a chorar e sofrer?

Chora, menina...
Choro que banha as águas,
águas que estraçalham o corpo...
Basta!

Um dia de liberdade...
O antecessor de uma vida plena de alegria
e, no bailar da noite, meu coração bate mais forte.
Desencadeou-se liberdade...
Amanhã tudo será diferente,
se esse mesmo amanhã chegar.

Um pedaço de chumbo
lançado no meu corpo.
Quem sabe seja a hora
de me entregar à liberdade
que tanto procuro...

Um pedaço de corpo
lançado na lagoa.
Agora encontrei a bendita paz!
Bebo do sangue do meu sofrimento
que ferve nas águas dos Barros.
De tão condenada que fui,
hoje condeno a todos,
e minha alma está livre na prisão das águas.

Não vi as maravilhas da vida,
mas apreciei a vista da morte!
Na beira da lagoa ouço um barulho
e retribuo com um simples murmúrio,
buscando alguém a me acompanhar em um mergulho.

Brobdingnag e o pigmeu

Leonardo Eberhardt Rosa

É tanta gente melhor do que eu
buscando e dividindo a solução
rostos sinceros de uma multidão
diante da qual sou um pigmeu
Chego a ficar um pouco zonzo
E não dou as caras por despeito
Afinal, de tantos que já possuo
Não me pesa mais um defeito
Ainda que as vozes sejam suaves
Dos cantos em majestosas naves
de igrejas – os corais dos santos!
Os passos deles parecem calmos,
O olhar solidário e atento
Nada escapa de seu altruísmo
Nem o homem estendido e mendigo
Tampouco o cão faminto e sarnento
Todos são seus amigos!
Fazem parte de seu inventário
Os bons senhores baluartes
de uma honrada sociedade
Desfilam por toda a cidade
Seu olhar puro e triunfante
Uma vida ilibada e de labuta
Toda ela dedicada às...
... lutas do cotidiano!
Aquelas outras coitadinhas dos antros
Que mal lhes impôs terrível destino?
E já que todos eles são santos
Com que excitante desatino
Dão-lhes o pão de cada dia
Esse do qual também se alimentam
As suas mulheres, seus filhos e filhas
Ah, as senhoras, quanta dedicação
Não perdem um segundo sequer
Já sabem tudo de antemão

Daquele homem que passa
com aquela belíssima mulher:

– Bonitinha, mas tão perdida, tão...
– Trabalhador, não merecia...
Oh, formosas donzelas, a vida urge
Peguem seu quinhão e saciem
Nas vitrines pululantes da urbe
Os seus semblantes de virgens
Vamos, fiéis, leais, todos estão
caminhando juntos em regozijo
na direção do imaculado paraíso.
Não há mal nessa jornada
Que não possa ser vencido
Talvez você seja o próximo
A provar o amor da massa
Porque a sua profissão de fé
É levantar cidadãos caídos
Todos serão reerguidos
pelo beneplácito dessa moral
Que não tem inimigos
Que não pede perdão
Porque é infalível
E tem sempre razão
Que te chama de amigo
Que te chama de irmão
Diz que precisas de ajuda
Estende suas muitas mãos
Aponta o caminho esquecido
Nas dobras da escuridão:
fique à vontade, meu querido
seja um de nós, seja um santo ou
o desterro, o escárnio e a solidão!

Por favor devolvam, devolvam o meu chapéu
Tenho de tentar mais uma vez
Ir embora, ir sem hora, apenas ir
abraçar todo esse mundo
que grita dentro de mim!

Roda rodando

Rodrigo Barcellos

Ana levantará com sono, confusa em seu dejávu.
Dirá que é mais um dia sem fim.
Igual e gêmeo.
Horas ininterruptas num relógio parado.
Ida até o banheiro, água no rosto, escova na boca.
Privada entupida, banho gelado.
No espelho, um rosto sem face.
Verá pela basculante quebrada situação nunca vista.
Berros e depressão por não ser ouvida.
Num arremesso, joga o que tem na mão pelo espaço sem vidro.
Acertar o que não pode ser acertado.
Sairá do banheiro, indo pela casa, de um lado pro outro.
Vai até a rua.
Lá, tudo não passará de um sonho ainda não sonhado.
Memórias não lembradas, lembranças que não terá.
Estará ainda na cama dormindo.
Acorda e tudo a mesma coisa, como uma roda rodando sempre.
Idêntico e igual.
Da basculante quebrada, ela mesma lá na rua.
Gritos e tristeza por não ser ouvida.

Doce e perdida menina

Natália Uriarte Fauro

Caminhando sem o amanhã planejar
Apenas estradas e ruas subindo e descendo
Sem ver a vida por teus olhos passar
Nem ao menos teus pensamentos compreendendo.

Menina, que fazes perdida nesta sociedade?
E esse brilho nos olhos há muito desaparecido?
Quantas piadinhas ouviste calada na tua cidade?
Com quantos tentaste consertar teu coração partido?

Doce e forte e perdida e frustrada menininha,
Que assédio do desconhecido aguentaste calada
Sempre o corpo todo coberto, andando sozinha
Por garotos sendo usada ao invés de ser amada.

Menina, uma vez cheia de planos
Sonhos, objetivos, com a vida organizada
Ah, isso tudo foi há tantos anos
Quando tua inocência ainda estava preservada.

Quando ainda se via um sorriso iluminar teu rosto
Uma piada escapar de tua macia boca
E tu rires e gargalhares, sem nenhum desgosto
E dançares e cantares, até a voz ficar rouca.

Agora, tudo está tão diferente em ti, menina
O tempo te trouxe marcas de expressão
A dor deixou tua alma encolhida e pequenina
A decepção marcou brutalmente teu coração.

Sofrida e corajosa menina
De vadia, vagabunda e esquisita rotulada
Carregando nas costas essa dura sina
Apenas querendo ter a vida acabada.

Uma terra de órfãos

Fernanda Matos de Oliveira

Brasil, tens certeza que és mãe gentil?
Conheço muitos filhos teus que estão desassistidos,
Que no teu seio não encontraram amores,
Que choram por diversas dores.

Tiraram-te tudo
Sobraram-te espelhos
Que até hoje retratam a decadência deste Novo Mundo
E também refletem muitos olhos vermelhos.

Indígenas
Negros
Amélias e Marias
Padecem todo dia.

Os filhos do teu solo são órfãos
Sofrem desde o parto
E vivem em uma impiedosa guerra
Da qual já estão fartos.

Preço de Banana

Romero Assis de Oliveira

Brasil,
Fruto explorado em demasia.
Terras doces por águas férteis.
Parte in natura, das flores que nascem sobre o chão,
Em guerra constante a derrubar muros.
Muros, separando mundos em mundos imundos.
Muros abafam o som.
Novo Mundo. Utopia. Novo Mundo?
Terras férteis demasiadas exploradas.
Fruto doce in natura
E restos nas águas.
As flores brotam do chão, sob os muros dos mundos,
Mundos que são muros.
Guerras vencidas, guerras silenciadas.
Utopia. Novo mundo.
Brasil.
Vendado.
Enxergar o que não se vê?
Vendido.
Comprar o que vem das graças?
Terra explorada.
Aos pés pisadas multidões.
Flores, frutos e água.
Povil de veneno, o barril mata.
Novo mundo.
Brasil.
Terra sem ver.
Terra sem ser.
Terra à vista.

Eric de Carli

De-dentro

Olhava e não via.
Da árvore perdendo a cor,
Sabia que o ressecamento
Era muito anterior.

Em cada canto, aresta e ângulo (De dentro),
Fragmentava-se.
Fragmentos de uma colcha de retalhos,
De atitudes desesperadas.

Com olhos secos inventava,
Nunca a palavra certa,
Perdera essa pretensão.
"Um quase analfabeto de si mesmo"

Passa

João Felipe Garcia da Costa

Estive a dormir em banco de praça
Assim mesmo, pela rua
Dinheiro nem para a cachaça
Podes perguntar à lua

Daqueles dias e desventuras
Hoje até acho graça
Ressentimentos e amarguras
Leva o tempo quando passa.

Axel Felix Varreira

Foi as correntes!

Sumiu!
Algo sumiu!
Foi a corrente!
Que continua na gente, infelizmente...

Gritaram "Ladrão"
Prontamente algemaram minhas mãos
"Senhor, o que eu fiz?" – perguntei
"Nasceu de cor" – disse ele

Sabia naquele instante
Que a justiça usa paleta de cores
Mas "Quem não deve, não teme" – alguem critou
Experimenta ser um preto com guarda-chuva à noite

Sumiu!
Algo sumiu!
Foi a corrente!
Que saiu das mãos e foi parar nas nossas mentes!

Matemáticas

André Rafael Herzer

Quando criança contava estrelas no céu,
Mas quando uma de lá caía,
Na matemática se perdia.
Somar era o que queria,
Mas apenas subtraía.
Diferente do que imaginava,
Nada se multiplicava.
Dividir era se redimir.
Então cresceu e finalmente compreendeu:
Dependia apenas de suas ações
Para modificar essas operações.

Concurso

LITERÁRIO

do IFRS

PROEN
Pró-reitoria de Ensino

INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS

Rua General Osório, 348 - Centro
CEP: 95700-000 - Bento Gonçalves/RS
Telefone: (54) 3449-3315

E-mail: concursoliterario@ifrs.edu.br